

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA



DESEJO DE MATERNIDADE

Ana Filipa Barbosa da Silva Craveiro dos Santos

11624

Orientador de dissertação:

Professor Doutor António Pires

Coordenador de seminário de dissertação:

Professor Doutor António Pires

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia Clínica

Especialidade em Psicologia da Gravidez e da Parentalidade

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a
Orientação do Professor Doutor António
Pires, apresentada no Instituto
Superior de Psicologia Aplicada para
obtenção de
grau de Mestre na especialidade de
psicologia da gravidez e da parentalidade,
conforme o despacho da DGES, nº nº
19673 / 2006 publicado em Diário da
Republica 2ª série de 26 de Setembro,
2006

Agradecimentos

Chega assim ao fim uma das etapas mais importantes da minha vida. Quero agradecer, antes de mais, ao Professor Doutor António Pires por todo o apoio dado durante este percurso. Por ter sido encorajador e orientador nas alturas necessárias.

Quero agradecer a todas as mulheres que prontamente aceitaram fazer parte deste estudo pela disponibilidade prestada. Sem elas este trabalho não seria possível.

Aos meus pais e família que ao longo destes seis anos me proporcionaram realizar este sonho.

Ao João pelo apoio, presença e incentivo nesta recta final.

Ao Paulo e à Susana pela troca de experiências e pelo apoio até aos últimos minutos.

INDICE

Resumo	3
Abstract	4
Introdução	5
Revisão de literatura: Desejo de maternidade	
Gravidez e Maternidade	7
Parentalidade	10
Vinculação	14
Infertilidade	15
Desejo	16
Conclusão	19
Referencias Bibliográficas	22
Artigo empírico: Maternidade: desejo ou instinto?	
Resumo	25
Abstract	26
Introdução	27
Método	29
Resultados	31
Figura 1	37
Discussão	38
Referencias Bibliográficas	40
Anexos	
Anexo A : Entrevistas	43
Anexo B: Memorandos	71
Anexo C: Lista de categorias	74
Anexo D: Hipóteses explicativas	82
Anexo E: Instrumento	84

Artigo de revisão de literatura

Resumo

Gravidez e Maternidade são duas faces da mesma moeda. Pode existir uma gravidez sem existir um projecto de maternidade. É importante para o assegurar das tarefas maternas e do bom funcionamento da criança, que esta primeira fase de gravidez seja desejada e planeada. Para lá de um projecto inserido numa relação a dois encontra-se o desejo de ser mãe. Quando este desejo existe, as mães tendem a descrevê-lo como um instinto que as prepara para enfrentar todos os desafios e que as faz sentirem-se capazes. Encaram-no como uma dádiva que as torna seres especiais. O não ser mãe é algo vivido com sofrimento. Este trabalho tem como objectivo perceber o que faz a mulher desejar realmente ser mãe. Quais são as motivações e de onde deriva este desejo? Será que é algo que se modifica no tempo? Para tal, utilizamos o método Grounded Theory, que através da análise indutiva e constante de entrevistas, propõe-se elaborar uma hipótese explicativa da situação em estudo.

Palavras-chave: gravidez, desejo, filho, maternidade, Grounded Theory.

Abstract

Pregnancy and Maternity are two sides of the same coin. There may be a pregnancy without a maternity project. It is important for maternity tasks to be guaranteed and for the good performance of the child, that this first stage of pregnancy is desired and planned. Beyond the project within a couple's relationship there is the will to become a mother. When this desire exists, mothers tend to describe it as an instinct, making them ready to face all the challenges and feel skilful. They face it as a gift, which makes them special beings. Not being a mother is something lived in suffer. This work aims at understanding what really makes a woman want to be a mother. What are the motivations are where does that desire come from? Is it something that changes as time goes by? For this we use the Grounded Theory method, which by an inductive and continuous analysis of interviews intends to build an hypothesis to explain the study target situation.

Keywords: pregnancy, desire, son, maternity, Grounded Theory

Introdução

Tendo este trabalho como objectivo compreender o que leva ao desejo de maternidade e existindo uma vasta literatura sobre o tema, foi significativo rever artigos que contivessem, primeiramente, noções sobre o que se compreende por gravidez e maternidade. Gravidez é frequentemente descrita como o período de 40 semanas que se inicia com o momento da concepção até ao dia do parto. É durante este período que a mãe vai-se aperceber que está grávida, vai sentir o bebé crescer tomando consciência da chegada de um novo membro na família. Vai começar a relacionar-se com ele de forma a preparar um novo espaço, mental e físico, de acolhimento da criança. É portanto neste período que a mulher se vai preparar para o seu novo papel. A maternidade será então o projecto a longo prazo pelo qual passa a gravidez. Este projecto requer que mais do que desejar ter um filho, se deseje ser mãe (Leal, I 2005).

Sendo a maternidade relatada, na sua maioria, como inserida numa relação dual entre um homem e uma mulher, foi igualmente importante perceber como se processa a transição para a parentalidade, como é que esta mudança é vivida e que significado assume perante o casal. Conceber um filho, ao nível consciente, significa a representação de ser pai e mãe (Santos, A e Vara, N 2001 e 2002). Existindo o desejo de ser mãe esta será uma fase vivida com grande expectativa e entusiasmo, o que terá repercussões ao nível do casal. Como qualquer período de desenvolvimento que compõe o ciclo de vida, a transição para a parentalidade caracteriza-se pela necessidade de resolver tarefas desenvolvimentais específicas e ascender a níveis de organização mais complexos (Canavarro, M. e Pedrosa, A. 2005).

No decorrer da pesquisa, e consulta de vários temas e autores, surgiu a questão dos casos em que existem situações de insucesso de gravidez. Nos dias de hoje, em que cada vez mais se adia o projecto de maternidade, na esperança de um ambiente ilusório de elevada estabilidade, o confronto com a dificuldade conceptiva é uma situação deveras inesperada e para a qual vão ser necessários enormes reajustes (Lopes, V 2008). Estas situações levam a um exacerbar do desejo, que já sendo este forte, passa a ser o objectivo principal e único na vida da mulher. Na tentativa de atingirem o que muitas outras mulheres parecem conseguir sem grandes dificuldades, assistimos a uma luta extraordinária, prolongada no tempo, em que o alcançar do objectivo de ser mãe torna-se praticamente uma obsessão (Santos, A e Vara, N. 2001/2002).

Sendo a ligação entre mãe-filho o ponto fulcral no seguimento deste desejo foi também importante consultar alguma noções do conceito de vinculação pois este apareceu como um sentimento muito presente quando falamos de desejo de maternidade. As mães ao desejarem ter um filho vão criar precocemente uma relação de vinculação que terá

grande consideração no desenvolvimento saudável da criança. O vínculo que liga mãe-filho é algo forte e difícil de descrever.

O desejo de maternidade desenvolve-se desde a infância, a partir de movimentos de identificação com as figuras parentais, sendo esta uma dimensão mais consciente quando existe um projecto de vida comum entre um casal (Santos, M e Vara, N. 2001/2001). Apesar do desejo de maternidade ser um conceito mais complexo e menos abordado em toda a literatura referenciamos alguns autores que procuraram identificar alguns aspectos mais importantes no desenvolvimento desde desejo.

Sendo vasta a literatura existente sobre os vários conceitos e considerações que se podem desenvolver à volta do tema da gravidez e maternidade, pareceu-nos relevante cingir aos temas acima mencionados. Desta forma foram excluídas considerações como por exemplo, abordagens históricas ou situações específicas relativas a determinadas populações. Embora o papel masculino, do pai, seja preponderante em todo o processo decidimos cingir nos apenas ao papel feminino pois o tema debruça-se sobre o desejo de maternidade.

A revisão de literatura teve como meta trabalhos datados de 2008, sendo que a maioria da literatura consultada encontra-se com um espaço temporal de cinco anos, isto é, entre 2003 e 2008.

Gravidez e maternidade

Quando falamos de maternidade, falamos também de gravidez que embora possam parecer duas faces da mesma moeda, merecem alguma distinção. Para M. Correia (1998), gravidez é o período de cerca de quarenta semanas entre o momento da concepção e o parto, sendo uma fase que se caracteriza por modificações no corpo, acompanhadas por vivências psicológicas. “A gravidez transcende o momento da concepção assim como a maternidade transcende o momento do parto. Mais do que acontecimentos com durações temporais diferentes, gravidez e maternidade são processos. Do ponto de vista psicológico são processos dinâmicos, de construção e desenvolvimento” (Canavarro, 2001, p.19). É sabido que o facto de uma mulher estar grávida não significa que esta deseje o filho por quem espera, ou seja, não assegura a posterior adaptabilidade às tarefas maternas (Canavarro 2001). Num período de aproximadamente quarenta semanas a mulher imerge num processo singular e profundo de concepção, gestação, parto e criação que a reenviará para comportamentos e significados que se inscrevem nas camadas mais arcaicas da sua estrutura (Botelho, T. 2006). As representações de gravidez ou maternidade são múltiplas e, ao longo da vida, são sempre dinâmicas, sujeitas a sucessivas modificações consoante a experiência e conseqüente (re)construção de representações sobre outros temas.

Muitos autores são unânimes ao considerar este momento como um “momento de crise”. Segundo Cotralha, N. (2007), um dos primeiros a autores a identificarem a gravidez como um período de crise no processo maturacional da mulher foi Bibring em 1959. Ainda citando o mesmo autor, Cotralha refere «Na gravidez, tal como na puberdade e na menopausa, novas tarefas adaptativas e libidinais confrontam o indivíduo à revivência e simultânea emergência de conflitos não resolvidos, próprios das fases precoces do desenvolvimento, e ao afrouxamento de soluções parciais ou inadequadas do passado (...) A resolução desta crise é de importância fundamental para o domínio da fase iniciada (...) a maternidade na gravidez». Não se pretende, deste modo, com isto atribuir-lhe um significado de trauma mas antes, um momento de transformação, de desequilíbrio instável e de viragem, que se prende ao nível do corpo, da herança psíquica, da identidade, e dos papéis sociais da mulher (Colman e Colman 1994, e Maldonado 1985, cit por Botelho, T. 2006) impondo ser gerada a constituição de uma nova organização intrapsíquica. Para Brazelton e Cramer (1989, cit. por Botelho, T. 2006) estes momentos de crises serão resolvidos de acordo com as experiências/aprendizagens anteriores e com a capacidade da mulher em se adaptar a todo o processo gravídico e às suas conseqüentes modificações. A maternidade não corresponde a um acontecimento biológico mas a uma vivência inscrita numa dinâmica sócio-cultural. A atitude perante a concepção e a gravidez varia no mundo, pela época em que se vive e determinada pela cultura em que se baseia. Em algumas

culturas a gravidez e a esperança de um novo ser é encarada como um “momento sagrado”, noutras nem tanto. Para Correia, M. (1998) na nossa sociedade podem não existir rituais do mesmo tipo mas, a grávida torna-se «doente» e com necessidade de cuidados médicos. Este facto acarreta uma diminuição de confiança em si próprio quanto à sua capacidade de prosseguir uma gravidez e dar à luz sem intervenção médica. No fundo, quando a mulher engravida entra num domínio que vai para além da sua experiência pessoal e se liga ao colectivo que a envolve, seja positiva ou negativamente.

A decisão de ter um filho é resultado de várias motivações conscientes e inconscientes. Entre o projecto de engravidar, desejo de ficar grávida e gravidez, tem de haver um certo tempo de adaptação. «No curso do processo gravídico ocorre uma mudança de identidade na personalidade feminina, que leva a grávida a ver-se e a sentir-se na sua intimidade pessoal, deparando-se com uma vivência interna geradora de interrogações acerca da pessoa que virá a ser após a gravidez.» (Cotralha, 2007). A mulher precisa de disponibilidade psíquica para o acolhimento da criança no seu próprio corpo (Cruz, M. 1990). A gravidez quando existe um projecto, é um processo que irá permitir à mulher adaptar-se a um conjunto de vivências psíquicas que a vão preparar para o bom desempenho do seu papel como mãe. Entre estas vivências, Canavarro (2001, p.19) destaca, o ensaiar cognitivamente papeis e tarefas, ligar-se cognitivamente à criança, iniciar o processo de reestruturação de relações para incluir o novo elemento, incorporar a existência do filho na sua identidade, e simultaneamente aprender a aceita-lo como pessoa única com vida própria. Sendo a situação de maternidade uma situação relacional, uma situação de encontro, como nos descreve Canavarro (2001), as relações significativas que a mulher vai tendo ao longo da vida, têm também um enorme peso nas representações sobre a mesma. Uma destas relações, senão mesmo a principal, será a primeira de todas, a relação com a própria mãe. É o primeiro contacto com o que é ser mãe, como se comporta e sente uma mãe, e como é que uma mãe lida com um filho. “ (...) A forma como a mãe lida com a sua filha enquanto bebé e depois criança, constitui uma base. Base para a criação de expectativas do comportamento dos outros, para a construção do conceito de si própria e para a sua própria auto-regulação emocional” (Isabel Soares, cit. Por Canavarro 2001).

Justo (1994, cit por Cotralha 2007), propõe três fases da evolução psicológica da mulher ao longo da gravidez. A primeira, a fase de *incorporação*, caracterizada pelo período em que a mulher aceita que está grávida adaptando-se às suas expectativas e à dinâmica psicológica ao redor a identidade feminina. Esta fase é compreendida desde a tomada de consciência até ao momento em que sente os primeiros movimentos. Na segunda, a de *diferenciação*, que se inicia com a percepção dos movimentos fetais, dá-se o conforto com a realidade de um outro ser. Põe-se em curso o processo de autonomização da grávida em relação ao bebé. A última fase, a de *separação*, tendo o seu término definido pelo parto,

corresponde aos últimos meses de gestação em que a grávida deve ser capaz de elaborar a separação psicológica do seu bebé. Segundo Leff (1980, cit. Por Cotralha 2007, p.37) « a tarefa maturativa da terceira fase abrange a preparação da grávida para o seu papel activo no parto e como mãe, o que desencadeia um processo facilitador da substituição do seu bebé fantasiado pelo seu bebé real, com o qual a mãe contacta no momento do seu nascimento».

Canavarro (2001, cit por Botelho, T.2006) propõe a existência de sete tarefas desenvolvimentais da gravidez e puerpério como forma de evolução do período gravídico e de resolução das diferentes situações de crise.

Quadro 1: Tarefas desenvolvimentais da gravidez

	Trimestres	Tarefas de desenvolvimento	
z Gravidez	1º Trimestre	Tarefa 1: Aceitar a gravidez	Reavaliar e Reestruturar... Tarefa 3: a relação com os pais
	2º Trimestre	Tarefa 2: Aceitar a realidade do feto	Tarefa 4: a relação com o companheiro
	3º Trimestre	Tarefa 5: Aceitar o bebé como pessoa separada	Tarefa 6: a sua própria identidade Tarefa 7: a relação com os outros filhos

A primeira tarefa caracteriza-se por um estado de ambivalência em que se recebe a notícias de que se está grávida, dá-se a conhecer a mesma e recebe-se a aceitação e apoio por parte dos familiares. É este o início, independente da existência do desejo, em que a mãe começa a relacionar-se com o feto e o ponto de partida para a diferenciação entre os dois. A mãe começa a ter em conta a realidade própria do feto, como uma entidade física e psicológica (Cotralha, N. 2007). Num segundo movimento a mulher irá reavaliar e reestruturar vários núcleos da sua vida. Primeiramente a relação com os pais, as suas experiências enquanto filha, pensando o que espera e deseja proporcionar ao seu filho. Deste modo, entra numa quarta tarefa, em que também a relação com o cônjuge irá ser reavaliada em várias esferas da vida em conjunto (como por exemplo, as rotinas diárias). É fundamental que a partir daqui reconheça o bebé como pessoa separada para que possa, de igual forma, reavaliar e reestruturar a sua própria identidade, o seu novo papel de mãe. Isto é, «consiste na tarefa da mulher ter de se desligar da gravidez, para que possa

emocionalmente dar início a um novo investimento no bebé tornado real» (Cotralha, N. 2007, p.38). Por último, o identificar em separado as várias identidades dos vários filhos, interiorizando a chegada de mais um membro da família como pessoa em separado (Botelho, T. 2006).

São nove meses de elaborações, ensaios, ligações, ansiedades, e fantasias que operam a construção e consolidação progressiva do projecto de maternidade. No entanto, segundo Canavarro, 2001 (cit. por Cotralha, 2007) a correspondência entre cada uma destas tarefas e a sua associação ao desenvolvimento cronológico não é linear, existindo uma variabilidade individual. A possibilidade de apoio é um dos factores que, em grande parte, afecta as representações da gravidez e da maternidade. Isto é, a existência de um suporte social durante a gravidez é fortemente associado ao bem-estar da grávida, assim como a uma boa adaptação e qualidade dos cuidados prestados à criança (Canavarro 2006). As alterações psicológicas geradas no processo gravídico decorrem segundo a personalidade de cada mulher, das condições psicológicas e dos ambientes propícios para o prosseguimento destas modificações.

Segundo Cruz, M (1990) o ciclo grávido-puerpal passa por três fases: *Ansiedade do primeiro trimestre*, isto é, o período da percepção consciente ou inconsciente de que a mulher está grávida, que se vão iniciar as relações mãe-filho e em que a dinâmica interrelacional familiar se vai modificar. É o momento da ambivalência afectiva em que se instala a questão de «querer ou não querer aquele filho». É também neste primeiro trimestre que aparecem as náuseas e os vómitos coexistentes com a ansiedade, associados à existência ou não da gravidez. *Ansiedade do segundo trimestre*. Neste período dá-se o impacto dos primeiros movimentos fetais onde a mulher vai ver o feto como algo de concreto dentro de si. Os movimentos, as alterações do corpo, e os medos e ansiedades que começam a coexistir nesta fase poderão vir a ser passageiros e encarados com naturalidade, ou poderão ser prolongados e sentidos como desconforto podendo dar lugar a fobias, hipocondrias ou depressões. *Ansiedade do terceiro trimestre*. O nível de ansiedade eleva-se com a proximidade do parto. Período marcado por sentimentos contraditórios, vontade de ter o bebé e terminar este período gravítico, e ao mesmo tempo vontade de o prolongar para adiar a necessidade de novas adaptações exigidas pelo nascimento do bebé.

Parentalidade

O termo transição para a parentalidade refere-se ao período relativamente breve de tempo que medeia entre o início de uma gravidez e os primeiros meses após o nascimento de uma criança (Goldberg, 1988 cit. por Oliveira, C., pedrosa, A. e Canavarro 2005). A parentalidade pode ser concebida como uma actividade que é adaptada aos diferentes ambientes sócio-culturais. Como os ambientes sociais mudam constantemente conforme a

época, a parentalidade é também susceptível de mudança (Lamn, B., Keller, H., Yovsi, R. and Chaudhary, N. 2008). Segundo Filomena Bayle (2005) a parentalidade é um processo maturativo que leva uma reestruturação psicoafectiva que vai permitir a dois adultos tornarem-se pais.

A maior parte das crianças nascem no seio de uma relação íntima, entre um homem e uma mulher, apresentando alguma estabilidade no tempo, assumindo contornos do que se pode chamar uma relação conjugal. O nascimento de um filho pode desta forma assumir “o significado de materialização e projecção de um encontro, de uma relação íntima” (Canavarro, 2006, p.32). Os casais quando esperam o primeiro filho esperam-no com entusiasmo e excitação. No entanto, a actual experiência de paternidade é um pouco diferente daquela que é idealizada por estes novos pais (Belsky, ward, Rovine, 1986, cit. por Delmore-ko, P. et. Al, 2000).

As mudanças que acompanham esta transição são profundas, de modo que muitos investigadores descrevem este período como um período de crise (Dyer, 1963; Le Masters, 1957, cit por Delmore-ko, P., et. Al, 2000). Segundo Perloe e Gail (1995, cit. por Cameira, S. Cabral, I., leal I., Ribeiro, J. 2000), as necessidades e expectativas de terceiros no que respeita à questão reprodutiva, têm uma influência significativa no desejo da parentalidade – o parceiro e a família podem fazer uma enorme pressão para que a mulher tenha filhos. As recentes investigações referem-no como uma “fase de desenvolvimento” ou como um “processo”. O impacto destas mudanças varia através dos tempos, de casal para casal e de individuo para individuo. Por exemplo, algumas investigações demonstram que o stress presente nos pais pela primeira vez, pode trazer consequência para a relação do casal, sentindo um declínio na satisfação conjugal (Belsky, Spanier, & Rovine, 1983; Ruble, Flaming, Hackel, & Stangor, 1980, cit por delmore-ko, et. Al, 2000). Ter um filho produz mudanças na qualidade da relação marital, variando em grau entre os diferentes casais, e sendo determinada pela qualidade da relação antes da gravidez, e grau de planeamento da mesma. As mudanças significativas encontradas num estudo de Bradbury et al. (2008), mostraram que estas são mantidas nos pais durante os doze meses posteriores ao parto.

Segundo Lawrence, E., Nylén, K. e Cobb, J.(2007) no que respeita à transição para a parentalidade os indivíduos, geralmente terão expectativas positivas sobre as suas capacidades de comandar esta transição. Existe a evidencia que “transgressões” nas expectativas parentais estão associadas com níveis baixos de satisfação conjugal (e.g. Belsky, 1985 cit por, Lawrence, E., Nylén, K. e Cobb, J. 2007). Segundo o mesmo autor, no geral, quando as expectativas são violadas, existe um aumento dos conflitos conjugais e um declínio na satisfação conjugal. Consistente com esta perspectiva, segundo um estudo de Coleman, Nelson & Sundre, 1999 (cit por Lawrence, E., Nylén, K. e Cobb, J. 2007), expectativas negativas por parte da mulher em relação à maternidade são associadas com

atitudes negativas pós-parto, e as expectativas positivas são associadas com atitudes positivas pós-parto. Alternadamente, indivíduos com expectativas irrealistas ou extremamente positivas podem ficar desapontados pelas suas experiências.

Na teoria psicanalítica e outras pesquisas, as representações mentais durante a gravidez são extremamente importantes para a emergência de uma relação entre pais e filho. As representações mentais são geralmente experiências de interação com os prestadores de cuidados primários, donde estes “working models” são construídos e transmitidos até à fase adulta (Bowlby, 1998; Stern, 1995, cit. por Pajulo, M., Helenius, H. e Mayes, L. 2006). As representações mentais da maternidade tornam-se fortemente activadas durante a gravidez. Estas representações relacionam-se com as próprias experiências de vinculação da mãe, e com a qualidade da vinculação estabelecida com o seu filho depois do nascimento. Assim, incluem as memórias da relação que teve com a sua mãe, as suas fantasias, esperanças, medos, tradições familiares, mitos e experiências pessoais. As representações como mulher, esposa, filha, e mesmo em termos de carreira profissional, são reorganizadas para dar lugar ao seu papel como mãe (Stern, 1995, cit. por Pajulo, M., Helenius, H. e Mayes, L. 2006).

No que respeita às motivações para a maternidade ou paternidade, estas variam entre o homem e a mulher podendo a maior parte das vezes serem antagónicas associando significados diversos. Quando a própria relação não permite a adaptação e alteração dessas representações, o desejo e motivação de um dos elementos do casal pode sobrepor-se ao outro, que o outro aceita apenas por receio de perda. “Nestas situações, podem surgir emoções disruptivas que dificultam os processos de adaptação e o cumprimento das tarefas de desenvolvimento inerentes à opção tomada.” (Canavarro, 2006, p.29). Uma série de acontecimentos e expectativas, que englobam o *se* e *quando* ter uma criança, influenciam esta experiência de transição que se inicia muito antes do nascimento de um filho (Oliveira, C., pedrosa, A. e Canavarro 2005). A parentalidade é pois um processo que configura um projecto de vida a longo prazo ou mesmo vitalício, também ele sujeito a sucessivas mudanças e tarefas de adaptação desenvolvimental, que envolve a necessidade de prestação de cuidados e dádivas de afecto necessárias para que a criança possa realizar um desenvolvimento óptimo das suas capacidades, dentro e fora da família (Cowan e Cowan, 1998 cit. por Oliveira, C., pedrosa, A. e Canavarro 2005).

A transição para a parentalidade é uma altura de mudanças substanciais, tais como, a identidade individual que envolve passar de marido e mulher para pai e mãe, como de uma relação de casal para uma unidade familiar (Delmore-ko, P. et. Al 2000). As várias mudanças qualitativas inerentes às várias esferas da vida do casal vão assumir um papel de relevo no sentido de uma convergência, coordenação e integração das várias dimensões associadas a esta mudança se constituírem como um pilar fundamental da futura relação de

vinculação. Assim, a transição normativa para esta nova fase implica a concretização de várias tarefas desenvolvimentais associadas a este período (Machado Vaz, F. & Machado, A. 2004).

Segundo Delmore, P. et al. (2000), a maior parte dos homens e das mulheres antecipam, de igual forma, o seu envolvimento nos cuidados prestados ao bebé e nas responsabilidades da casa. Contudo, depois do nascimento é a mulher que normalmente assume as responsabilidades. Esta transição é vivida de diferentes formas. Alguns indivíduos preocupam-se com as suas capacidades para conhecer as necessidades do bebé, outros focam-se na oportunidade de ensinar aos seus filhos tudo o que sabem sobre o mundo e apreciar a experiência de vê-los crescer e desenvolverem-se, e outros ainda focam-se no desenvolvimento físico e emocional dos seus bebés, onde alguns começam a pensar sobre as dificuldades que estes podem encontrar enquanto adolescentes (Delmoreko, P. et. Al 2000). Assim, os equilíbrios anteriores existentes no seio de uma família são radicalmente modificados, onde este processo de mudança exige um tempo de reajustamento durante o qual o recém-nascido ocupa o seu espaço e redefinem-se as relações entre os restantes membros (Ball, 1994; Giampino, 2000, cit. por Pedrosa e Canavarro, 2005).

Segundo Bradbury, T. et Al. (2008), na vasta literatura sobre esta fase, são identificadas duas grandes perspectivas. A primeira em que a transição para a parentalidade é vista como um factor impulsionador do casamento, onde a maioria dos casais espera experimentar uma mudança qualitativa na sua relação, que é relativamente abrupta, adversa em natureza, relativamente grande em magnitude e espera-se que persista. Na segunda grande perspectiva a transição é compreendida como uma fase significativa mas transitória no desenvolvimento do casamento e família. O anúncio de um filho pode produzir mudanças temporárias na qualidade da relação entre o casal, que serão determinadas pela sua capacidade de adaptação a estes novos desafios. São então esperadas mudanças quantitativas e não qualitativas na relação conjugal, sendo assumidas como curtas e relativamente pequenas em magnitude. Podemos considerar algumas dimensões que podem ter um peso significativo na transição para a parentalidade, destacando-se o contexto familiar/ relação conjugal, a situação profissional, o apoio social inerente, o apoio emocional, instrumental, e o contexto sócio-cultural.

Como já referido, muitos estudos apontam para uma diminuição da satisfação conjugal associada ao nascimento de uma criança. Tal acontece, pois este é um período da vida em que a qualidade da relação vai depender também das suas qualidades enquanto pai e mãe (Canavarro, M. e Pedrosa, A., in Leal 2005). Em consonância, a situação profissional parece influenciar de igual forma a adaptação à parentalidade, visto que existem conflitos inerentes pela conciliação entre cuidados a prestar e exigências profissionais. O

apoio social recebido, principalmente quando provem da relação próxima com uma pessoa significativa relaciona-se com diversos indicadores de adaptação. O apoio emocional, definido como o amor e aceitação interpessoal que o indivíduo recebe dos outros, através de verbalizações explícitas, atenção e cuidados, parece ser o mais afectado pela qualidade das relações e o mais útil e fortemente relacionado com a percepção e a satisfação com o apoio recebido (Cutrona e Russel 1990 in Leal 2005). Por sua vez o apoio instrumental que pode assumir várias formas, como informações, conselhos, ajuda nas tarefas, é um factor importante nesta fase (Canavarro, M. e Pedrosa, A., in Leal 2005). Por fim, o contexto social, num sentido mais lato como tradições culturais, crenças, valores, e mesmo o sistema governamental (como por exemplo, políticas de incentivo e protecção da família), contribuem para definir a forma como cada individuo se irá adaptar a este novo papel. Um estudo de Pereira, M., Santos, A. E Ramalho V. (1999) demonstra que esta fase é afectada pela forma como a mulher e o companheiro reagem à gravidez e pela presença ou ausência de complicações durante a mesma. Associada a esta adaptação parecem estar recursos de coping, suporte social e qualidade do relacionamento conjugal das grávidas.

A transição para a parentalidade é então melhor abordada, não isoladamente, mas como um importante período de longa duração e modificador da relação diádica, pois a criança nasce numa relação que já foi alterada pelas perspectivas de parentalidade e em seguida, apresenta uma moção de acolhimento de novas tarefas e desafios para o casal durante os próximos anos. A parentalidade pode ser interpretada como englobando todas estas questões e desafios, e ainda pode revelar-se vantajoso para distinguir entre a transição imediata para este papel importante e a subsequente procura nos cuidados da criança e desenvolvimento da família (Bradbury, et al 2008).

Vinculação

Um das possíveis visões sobre a parentalidade é olharmos para esta como um encontro, a construção de uma relação entre dois protagonistas – o bebé e a figura parental (Canavarro, M. e Pedrosa, A., in Leal 2005). Nos últimos vinte anos assistiu-se ao aumento do reconhecimento que a relação mãe-bebé começa muito antes do nascimento quando a mãe ainda está grávida e o filho ainda é apenas um feto (Laxton-Kane, M. 2002). É no contexto desta relação que o bebé procura a segurança oferecida pela protecção parental. Será através do desenvolvimento dessa segurança e da capacidade de protecção proporcionada pela figura parental que o bebé aprenderá a gerir as suas emoções e a regular os seus estados emocionais (Ainsworth et al., Soares in Leal, I 2005). O adulto ao realizar regularmente este papel, irá tornar-se para o bebé uma figura de vinculação

(Soares, I. 2006). A regulação do sistema, isto é, a manutenção da relação com a figura de vinculação dentro de certos limites de proximidade e acessibilidade é feita com base na interacção da criança com o meio interno e com o meio externo. Assim, a figura parental é percebida como um “refúgio seguro”. O alcance desta segurança, vai proporcionar mais tarde ao indivíduo a possibilidade de explorar com confiança, o self, os outros e o mundo (Canavarro, M. e Pedrosa, A. In Leal 2005). O autor Soares advoga, assim, que o contexto da relação figura parental-filho oferece elementos privilegiados para que, conjuntamente com o estabelecimento de uma relação de vinculação, marcada pela segurança e protecção, se dê um processo de construção da capacidade de auto-regulação emocional (Canavarro, M. e Pedrosa, A., in Leal 2005).

As autoras Filipa Machado Vaz e Anabela Machado (2004), referindo alguns estudos, revelam que a forma como os pais percebem, organizam e compreendem o seu papel parental ainda durante a gravidez, irá afectar directamente a qualidade da relação entre pais e filho. Será então de extrema importância para a qualidade da vinculação que o bebé seja desejado e planeado pelos pais, que ele exista mesmo antes da gravidez.

Infertilidade

Após o aparecimento dos métodos contraceptivos, a criança passou a ter um novo significado, não tanto como uma ajuda económica e uma força de trabalho para a família, mas passou a ser um “bem” afectivo e narcísico de seus pais. Os casais, após esta mudança julgam ter todo o poder para decidirem quando querem ter um filho. Assim, o sofrimento é grande quando descobrem que são inférteis, e este sofrimento acaba por ser duplo: por um lado é o sofrimento causado pela falta de uma criança, por outro pela perda de controlo do próprio corpo adquirido com a contracepção. Para além deste factor, os novos níveis de exigência nos padrões sociais da mulher faz com que, em Portugal, o primeiro filho nasça em média perto dos 30 anos. Deste modo, e visto de um ponto de vista meramente fisiológico, a fase da vida que vai desde a menarca aos 30 anos e que por sua vez será a fase de maior fertilidade é desaproveitada do ponto de vista reprodutivo (Leal, I e Pereira A. 2005).

Ligado à infertilidade está sempre o desejo de ter um filho e o desejo de estar grávida (Seixas, C. e Faria, M 1995). A incapacidade de conceber uma criança leva a sentimentos de incapacidade, que acarretam um grande sofrimento, levando frequentemente os casais a recorrer a técnicas medicamente assistidas. Se o desejo de continuidade, isto é, de descendência é reconhecido como profundamente humano, “a não descendência pode constituir, de algum modo, uma confrontação com a ideia da própria morte, já que um filho possibilita um prolongamento e perpetuação da família e das tradições e a procriação constitui-se como um meio de significar a vida, sendo que um filho

significa uma extensão temporal das esperanças, objectivos e aspirações” (Jesse, 1996 cit. por Leal, I e Pereira A. 2005, p.154).

“A fertilidade é, conseqüentemente, muitas vezes perspectivada como a prova de ter um corpo que funciona normalmente, um corpo capaz de cumprir todas as funções que estão reservadas. A gravidez é assim, um teste à funcionalidade do corpo feminino.” (Canavarro 2006, p. 31). Em consonância, infertilidade, como nos descreve Faria (2006), é um panorama impossível face a um desejo onipotente e narcísico de ter um filho.

A perspectiva de impossibilidade de perpetuar os genes, um legado, faz com que os casais possam sentir o comprometimento de um projecto de futuro, e a inviabilidade de um prolongamento da própria vida. O projecto de parentalidade não conseguido numa determinada altura irá assumir o sentimento de um projecto adiado, no cerne do qual vai emergir um vazio por vezes difícil de completar com outros desafios ou objectivos. As dificuldades conceptivas não tendem a fazer partes do imaginário dos casais, embora esta seja uma realidade cada vez mais presente, em que a cessação da contraceção é igual a gravidez, o que suscita uma fantasia de controlo absoluto sobre a fertilidade. Lopes, V. (2008)

São várias as hipóteses explicativas para a infertilidade. Para Langer (1986 cit. por Correia, M. 1998) o insucesso da gravidez poderá ser um exemplo de dificuldade de integração de múltiplas ideias da mulher. Quer isto dizer, e com base em frequentes estudos obstétricos, em casos de mulheres em situações de morte fetal ou de aborto em que não se encontram causas orgânicas explicativas cabem aqui as causas psicológicas. «Estes insucessos de gravidez revelam-nos então uma impossibilidade no vivenciar da gravidez e/ou maternidade; uma incapacidade no conseguir representar-se como grávida e/ou como mãe, coloca estas mulheres numa situação de conflito que não conseguem elaborar utilizando como forma de expressão a via psicossomática.» (Correia, M. 1998).

Desejo

No mundo ocidental, cada vez mais a experiência da gravidez tem sido atrasada existindo cada vez mais mulheres que não querem ter filhos e para quem esta experiência já não faz sentido. Observa-se também que as que optam, optam por ter menos filhos e numa idade já avançada. Com efeito, a gravidez é adiada ou planeada devido a inúmeros factores valorizados pela mulher (Botelho, T. 2006). Numa época em que existe outra visão sobre a contraceção, o controlo da natalidade torna-se preponderante. Assim, torna-se óbvio que a maternidade deixa de ser apenas atribuída a uma sequencia inevitável num casamento, passando a fazer parte de um projecto de vida (Cameira, S. Cabral, I., leal I., Ribeiro, J. 2000). Possivelmente ainda ouvimos falar do desejo de ser mãe como algo “inato” ou “instintivo”, que já nasce com a mulher e a que a certa altura a desperta para a maternidade.

Para mulheres que vivem num contexto em que ser mãe é valorizado pelos outros e que se sentem confortáveis com esta identificação, o desejo de ter de cuidar de uma criança pode chegar a ser confundido como algo “natural” ou “inato” (Canavarro 2006). Por outro lado, segundo Canavarro (2001) esta noção de maternidade não ajuda as mulheres a conceptualizarem a maternidade como um processo de decisão que deve envolver desenvolvimento pessoal e auto-conhecimento. Esta concepção pode levar a que mulheres que não sintam este desejo, venham a sentir que algo de errado se passa com elas, “podendo mesmo chegar a revelar sintomatologia depressiva e/ou ansiosa”. (Canavarro, 2001, p. 23).

Para Brazelton (1989) numa mulher o desejo de ter um filho advém de muitos motivos e fontes. Assim, o autor identifica sete motivos presentes neste desejo. A identificação, que consiste no facto de todos nos termos uma mãe, e onde os cuidados prestados orientam as fantasias para prestador de cuidados e não para alguém que recebe cuidados. O *desejo de ser completo e onnipotente*, entre os motivos narcisistas que alimentam o desejo de ter um filho destaca-se o desejo de manter um conceito idealizado de nos próprios, o desejo de nos duplicarmos e vermos ao espelho e o desejo de atingirmos os nossos ideais. O desejo de onnipotência está em conflito com impulsos sexuais, com a necessidade de estímulos externos e com o reconhecimento da realidade pois precisamos dos outros para satisfazer as nossas necessidades. O *desejo de sermos completos* é satisfeito através do estado de gravidez e da existência de um filho. A gravidez anula sentimentos de vazio e preocupações de imperfeição do corpo. O desejo narcisista de nos completarmos através de um filho é mais diferenciado, a mãe começará por encarar o filho desejado como uma extensão de si própria, como um apêndice do seu próprio corpo. O *desejo de fusão e união* com o outro que se alia ao regressar à união com a própria mãe. Depois do nascimento, o desenvolvimento e a manutenção das atitudes maternas de vinculação dependem da capacidade que uma mulher tem para recuperar essas fantasias de união com a mãe. O *desejo de se rever no filho* traduz-se na esperança de manter vivo um sentimento de imortalidade. O filho será um testemunho vivo da nossa existência contínua, do perpetuar de uma tradição e características familiares. O desejo de ter um filho inclui o anseio de ver reflectidas na criança as marcas das nossas própria criatividade e capacidade de educar. *Realização de ideias e oportunidades perdidas* no sentido em que os pais imaginam que o futuro do filho será bem sucedido naquilo em que eles falharam. O filho imaginário encerra o ideal de ego dos pais, um modelo de perfeição. O *desejo de renovar velhas relações*. Uma criança encerra a promessa de renovar laços perdidos e afectos de infância. Nesta medida, o autor descreve a criança como alguém que cura, alguém que traz a promessa de recriar relações adormecidas que foram gratificantes no passado. A *oportunidade dupla de substituição e separação da própria mãe*. No seu desejo de ter um

filho, uma mulher experimenta uma forma única de dupla identificação. Identificar-se-á, ao mesmo tempo com a própria mãe e com o feto e, deste modo, desempenhará o papel e revelará os atributos de mãe e de filha, com base em experiências passadas com a própria mãe e consigo própria enquanto bebé.

Para Joan Raphael-Leff (2005), hoje em dia já não podemos basear o desejo de maternidade no mito de um instinto maternal ou acreditar num destino anatómico. Para o autor o desejo humano em reproduzir está embutido em raízes conscientes e inconscientes da origem de cada indivíduo, isto é, da família da qual cada um nasceu, da cultura, e da sociedade na qual cada um vive enquanto adulto. A gravidez tem de ser pensada nos termos de um desejo psicosocial de reprodução, em que as motivações para a reprodução são complexas e altamente pessoais. Entre estas o autor distingue: a *imortalidade genética*, em que perpetuando os seus genes no futuro conferem uma sensação de imortalidade; *tornar-se adulto*, pois desde muito cedo que as referências que temos são em comparação com adultos (pais e mães) sendo que tem-se a percepção de que só quando nos tornar-mos pais dos nossos próprios filhos iremos ascende a este patamar; *imagem parental*, ao longo do crescimento as crianças vão-se identificando com os seus progenitores sendo uma reprodução da figura parental com a qual se identificam mais; *retribuição do carinho parental*, como a única forma de “pagar” todo o carinho e atenção que obtiveram em crianças, passando-o para uma relação de igual dependência; segunda oportunidade. Ter um bebé dá a rara oportunidade de poder corrigir algumas experiências do passado experimentadas como menos positivas, dando ao filho tudo o que desejaram ter tido. A experiência próxima com a criança dá a possibilidade aos pais de libertarem-se de situações dolorosas da sua infância, resolvendo, reparando, reintegrando as mesmas; *objecto de amor*, dando a ideia inconsciente de um amor incondicional que todos temos interiorizada; Transmissão cultural, referente ao desejo que os pais têm de transmitir um fundo de experiências, conhecimentos e aprendizagens.

Existe uma multiplicidade de crenças que acentuam a importância e o desejo de ter filhos, tornando-os objectos muito valorizados na sociedade. São normalmente vistos como fonte de satisfação emocional, enquanto ainda dependentes, e como portadores de interesse e variedade à vida dos pais. Isto é, a par da crença numa espécie de imortalidade concedida aos pais, são também encarados, mais tarde como fonte de segurança e de prazer, quando já não fizerem parte do núcleo familiar (Cameira, S. Cabral, I., Ieal I., Ribeiro, J. 2000). Cameira, S. Cabral, I., Ieal I., Ribeiro, J. (2000), identificam outros aspectos importantes deste desejo, tais como as necessidades egóicas, uma das mais importantes do desejo de parentalidade, e as necessidades inerentes à relação conjugal, sendo a criança, ainda hoje, encarada como uma peça fundamental para o bom relacionamento entre o casal. São comuns as situações em que o desejo de ter um filho prende-se com o desejo de

resolução de alguns conflitos conjugais, embora muitos estudos, e vastas estatísticas demonstrem o contrário.

A relação entre pares pode também estar muito ligada a este desejo, em que estando num meio em que ter filhos é um dominador comum, o querer ser mãe pode significar querer pertencer a um determinado grupo. Por outro lado, numa sociedade em que a família tradicional é valorizada, o não ter filhos pode ser encarado como um sinal de imaturidade, egoísmo, falhanço ou instabilidade (Faria, C., Oliveira, A. 2000). Um filho pode surgir ainda no seguimento de um determinado estilo de vida, em que posteriormente a um nível de vida determinado e alcançado, ter um filho é encarado como um passo seguinte de realização (Perloe e Gail, 1995 cit. por Cameira, S. Cabral, I., Ial I., Ribeiro, J. 2000). Paralelamente a todos estes factores inerentes ao desejo de ser mãe, destaca-se um que ainda não referi, mas o qual tem extrema importância: o desejo de ser uma boa mãe. Este desejo não tanto conotado com a sobrevivência física do bebé, visto na nossa actual cultura a informação e o planeamento económicos das famílias serem uma realidade, assume uma multiplicidade de variáveis. Pode envolver todos os aspectos do desenvolvimento do seu filho, para que seja o melhor, o mais feliz, o mais inteligente e o mais bem ajustado (Canavarro, 2001). Encontrar um ponto de reequilíbrio entres as necessidades do bebé e as próprias necessidades da mãe parece ser o ponto mais importante. Muitas vezes, por serem dois seres distintos com necessidades, desejos e motivações diferentes, é difícil conciliar as mesmas. Ser “uma boa mãe” pode ser aqui associado a uma capacidade individual de sacrifício das suas próprias necessidades a favor do seu bebé. Por este motivo, sentiu-se a necessidade de encontrar um conceito que enquadrasse uma mãe fora da perfeição, mas não necessariamente uma má mãe. O conceito de uma “mãe suficientemente boa” veio então neste sentido (Bettelheim, 1988; Winnicott, 1995, cit. Por Canavarro, 2001).

O desejo é um importante factor, complexo e multifactorial na relação mãe-bebé. Esta relação inicia-se ainda durante o período pré-natal, e será através dela que expectativas e desejos serviram de preludio para a futura relação que se irá estabelecer depois do nascimento Piccinini, C., Gomes, A., Moreira, L., Lopes, R. (2004).

Conclusão

Os temas da Gravidez, Maternidade e Parentalidade são temas muito abordados e estudados em diversos contextos devido à sua extrema importância em ciências psicológicas. Gravidez é frequentemente descrita como o período de mais ou menos quarenta semanas entre o momento da concepção até ao dia do parto, enquanto que a maternidade pressupõe um projecto a longo prazo no qual o desejo de ser mãe é mais explícito (Leal, I 2005). Dentro destes dois conceitos a investigação tende a debruçar-se sobre as várias fases pelas quais a mulher passa e a forma como cada uma influencia este período. De entre as várias teorias sobre estas fases destacamos três autores. O autor Cruz, M (1990) faz referencia a três fases importantes no ciclo grávido-puerpal descrevendo-as como três fases de Ansiedade em que cada uma corresponde a um trimestre de gestação. Canavarro (2001) propõe sete tarefas de desenvolvimento pelas quais a mulher passa desde que recebe a noticia até ao dia do parto, isto é, desde o aceitar a gravidez até à relação física com o bebé. Justo (1994, cit. por Cotralha 2007), propõe três fases de evolução psicológica da mulher ao longo da gravidez. Todos estes autores, e outros, fazem no entanto referencia apenas as fases desde que a mulher recebe a noticia até ao final do período de gestação. Seria importante investigar, neste sentido, o que acontece antes destas fases, isto é, o que contribui para a mulher querer ser mãe.

Na vasta literatura sobre a transição para a parentalidade identificam-se duas grandes perspectivas. A primeira em que esta é vista como um impulsionador do casamento e outra em que é compreendida como fase significativa mas transitória do casamento (Bradbury, T. et al. 2008). É uma fase frequentemente descrita como um período de crise devido às mudanças profundas que acompanham esta transição (Dyer, 1963; Le Masters, 1957, cit por Delmore-ko, P., et. Al, 2000). De igual forma no que diz respeito à parentalidade, recentemente encontramos estudos que se debruçam sobre os efeitos no casal e de como pode influenciar a qualidade da relação o nascimento de um novo membro da família (Lawrence, E., Nylén, K. e Cobb, J. 2007). No entanto, no que se refere as motivações para a parentalidade os estudos efectuados neste âmbito são escassos, o será importante não só no que diz respeito à relação do casal como na qualidade da relação pais-filhos.

Enquadrado no estudo da gravidez, maternidade e desejo deparamo-nos com vários estudos sobre o problema da infertilidade. Como referem Seixas, C. e Faria, M. (2005) ligado ao desejo de ter um filho está a impossibilidade de ter filhos. Na conjuntura actual é frequente cada vez mais assistirmos a uma parentalidade tardia, o que a nível psicológico e físico faz com que a infertilidade seja uma realidade um pouco comum. Na literatura encontramos algumas tentativas de explicação da situação, sejam elas psicológicas (Correia, M. 1998), ou orgânicas, assim como o significado que pode ter o “não ter um filho”.

No entanto, seria importante existirem mais investigações no sentido de perceber como é que o desejo influencia estas mulheres, pois sendo este um factor que acarreta grande sofrimento, ao mesmo tempo é também impulsionador de uma grande luta com o objectivo de ser mãe.

Assim, em relação ao desejo de ser mãe encontramos poucos estudos que façam referencia ao porquê deste desejo. Muito pouco tem sido escrito nestes últimos anos. A investigação já efectuada fala principalmente dos factores educacionais, sociais e relacionais, não destacado de forma mais aprofundada o que leva a mulher a desejar ser mãe e em que é que consiste este desejo. Neste sentido, pareceu-nos importante tentar compreender melhor o que é desejar ser mãe, embora cientes da complexidade do conceito.

Referencias Bibliográficas

- Bayle, F. (2005) A Parentalidade. IN I. Leal (Org.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 317-346). Lisboa: fim de século.
- Botelho, T. (2006) *Personalidade da mãe prematura*. Lisboa: Secretariado Nacional para a reabilitação e intervenção de pessoas com deficiência.
- Bradbury, T., Lawrence, E. Cobb, J. R., Rothman, M. and Rothman, A. (2008). Marital satisfaction across the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology* 22 (1), 41-50. Consultado através da fonte EBSCOhost Academic Serch Elite database.
- Cameira, S. Cabral, I., leal I., Ribeiro, J. (2000). Desejo de um filho. IN J. Ribeiro, I., Leal e M., Dias (Ed.), *Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da saúde* (pp.225-249). Lisboa: Instituto de psicologia aplicada.
- Canavarro, M. & Pedrosa, A. (2005). Transição para a parentalidade. Compreensão segundo diferentes perspectivas teóricas. IN Isabel, L. *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (p. 225-256). Lisboa: Instituto de psicologia aplicada
- Cotralha, R. Nuno (2007). *Adaptação psicológica à gravidez em mulheres toxicodependentes*. Lisboa: Dinalivro.
- Cruz, M. (1990). Encantos e desencantos da maternidade. *Análise psicológica*, 4 (VIII), 367-370. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia aplicada.
- Delmore-ko, P., Pancer, S. Mark, Hunsberger, B. And Pratt, M. (2000) Becoming a parent:the relation between prenatal expectations and postnatal experience. *Journal of family psychology*, 14 (4), 625-640. Consultado através da fonte EBSCOhost Academic Serch Elite database
- Faria, M. (1990) A infertilidade: desejo ou maldição. *Análise psicológica*, 4 (VIII), 419-423. Lisboa: Instituto de psicologia aplicada
- Justo, J. (1990). Encantos e desencantos da maternidade. *Análise psicológica*, 4 (VIII), 371-376. Lisboa: Instituto de psicologia aplicada
- Harwood, K., McLean, N. and Durkin, K. (2007). First-Time Mothers'Expectations of Parenthood: What Happens When Optimistic Expectations Are not Matched by Later Experiences? *Developmental Psychology*, 43 (1), 1-12. Consultado através da fonte EBSCOhost Academic Serch Elite database
- Lawrence, E. Nylen K. and Cobb, J. R. (2007). Prenatal satisfaction over the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 21 (2), 155-164. Consultado através da fonte EBSCOhost Academic Serch Elite database
- Lamn, B., Keller, H., Yousi, R. And Chaudhary, N. (2008). Grnadematernal and maternal ethnotheories about early child care. *Journal of Family Psychology*, 22 (1), 80-81. Consultado através da fonte EBSCOhost Academic Serch Elite database

- Laxton-Kane, M. (2002). The role of maternal attachment in a woman's experience of pregnancy and implications for the process of care. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 20 (4). Consultado através da fonte EBSCOhost Academic Search Elite database
- Leal, I. (1997) Transferências socioculturais da gravidez e da maternidade: correspondente transformação psicológica. IN J. Ribeiro. Actas do 2º Congresso nacional de psicologia da saúde. Lisboa: Instituto de Psicologia Aplicada.
- Leal, I, Pereira, A. (2005). Infertilidade: algumas considerações sobre causas e consequências. IN I. Leal (Org.), Psicologia da gravidez e da parentalidade (pp.151-173). Lisboa: fim de século.
- Lopes, V. (2008). Projecto de parentalidade não conseguido: Intervenção na consulta de infertilidade. IN Isabel L., José R., Isabel, S., e Susana M., Actas do 7º Congresso nacional de psicologia da saúde. Porto: Universidade do Porto.
- Oliveira, A., Faria, C. (2000). Desejo de ter um filho em casais discordantes cujo homem é seropositivo para o VIH-1. IN J. Ribeiro, I., Leal e M., Dias (Ed.), Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da saúde (pp. 135-148). Lisboa: Instituto de psicologia aplicada.
- Vaz, F., Machado, A. (2006). A parentalidade durante a gravidez. IN Actas da V conferência psicologia nos cuidados de saúde primários: psicologia, promoção da saúde e prevenção (pp. 43-54): Miraflores / ed. Isabel Trindade, Rita Correia, José A. Carvalho Teixeira . - 1ª ed. Lisboa : Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Piccinini, C., Gomes, A., Moreira, L., Lopes, R. (2004). Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebé. *Psicologia: teoria e pesquisa*, vol. 20, n.3, pp. 223-232. Brasil: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Raphael-Leff (2005). The wish for a baby: psychosocial and cultural factors. IN Psychological Processes of childbearing. Ana Freud Center.
- Santos, A., Vara, N. (2004). Dimensões psicológicas da esterilidade e infertilidade. *Cadernos de consulta psicológica*, vol. 17-18, p. 215-22. Lisboa: Instituto de psicologia aplicada.

Artigo Empírico

Maternidade: Desejo ou Instinto?

Resumo

Este estudo pretende compreender, elaborando uma teoria, o desejo de maternidade. Foram utilizadas onze entrevistas, em que cinco foram efectuadas no âmbito do presente estudo e seis entrevistas cedidas de outros dois trabalhos de Monografia de Licenciatura. Todos os participantes são do género feminino com idades compreendidas entre os 20 e os 50 anos. Apresentam-se essencialmente três realidades. Um grupo de cinco mulheres com experiência de insucesso de gravidez, outras cinco mães com um e dois filhos e por fim uma mulher ainda sem filhos. Foi utilizado o método da Grounded Theory de forma a compreender o que estaria implícito no desejo de ser mãe. Existem vários factores que influenciam este desejo, derivados da educação e da sociedade, sendo que os factores individuais levam-nos a percebê-lo como algo que se encontra a um nível narcísico de pertença e prolongamento de si.

Palavras-chave: gravidez, desejo, filho, maternidade, Grounded Theory.

Abstract

This study aims at understanding the maternity desire by elaborating a theory. Eleven interviews have been used, five of which were undertaken within this study and another six were granted from two Degree Monographs. All participants are 20-50 year old females. Three realities are shown. A group of five women who have experienced unsuccessful pregnancies, another five mothers of one child or two children, and also a woman without any children yet. . The Grounded Theory method was used to understand what would lay behind the desire of being a mother. There are various factors influencing this desire, related to education and society, where individual factors lead as to look at it as something at the narcissist level of belonging and extension of one's self.

Keywords: pregnancy, desire, son, maternity, Grounded Theory

Introdução

O desejo de ser mãe é um processo que se inicia numa fase precoce da vida das mulheres, contudo este processo psíquico ganha os fundamentos necessários à sua concretização numa fase mais tardia, normalmente na fase adulta (Ferreira, A.S.; Pires, A.; Salvaterra, F. 2004). É algo difícil e complexo de definir, visto que estão envolvidos diversos factores e conjunturas, assim como motivações conscientes e inconscientes, e estas razões mudam também elas ao longo do ciclo da vida. Num plano emocional, a gravidez inicia-se muito antes da mãe estar, de facto grávida (Sá, E. & Biscaia, J. 2004).

Apesar das crescentes dificuldades da vida de hoje o desejo de ter um filho continua a ser uma situação comum nas famílias contemporâneas. Existe todo um contexto ideológico, social e cultural que rodeia o indivíduo e, que de uma forma mais ou menos explícita o pressiona no sentido da maternidade/paternidade. Numa sociedade em que a família tradicional é valorizada, o não ter filhos pode ser encarado como um sinal de imaturidade, egoísmo, falhanço ou instabilidade, contribuindo para a estigmatização e isolamento social (Oliveira, A.& Faria, C. 2000). As motivações para uma mulher engravidar vão desde o desejo de formar um lar feliz, perpetuar o apelido, exprimir o amor pelo marido, realizar um dever social ou ainda completar-se narcisicamente no caso das mulheres imaturas pré-genitais ou incompletude narcísica da auto-imagem (Dias Cordeiro, J. C. 2002). Essa decisão pode também ligar-se à necessidade de preenchimento de um espaço vazio no seio do casal, vazio que pode ser tão intenso que o não-filho poderá ser equivalente ao não-casal, ou seja dissolução do casal, ou mesmo ao assumir de que o casal nunca existiu (Lourenço, M. 2002). O desejo de reproduzir o próprio sexo é mais frequente nos homens do que nas mulheres, traduzindo por parte destes, uma maior necessidade em confirmar a sua identidade masculina. O nascimento de um filho proporciona aos pais um sentimento de imortalidade na medida em que um filho é um testemunho da sua existência. Surge como um espelho em que se podem rever. (Oliveira, A.& Faria, C. 2000). A maternidade define a passagem para o estatuto de adulto, testemunhando a maturidade do corpo, e ao colocar outro indivíduo da sociedade sob a sua total dependência, a maturidade do seu comportamento social (Figueiredo, B. 2005).

Hoje em dia encontramos outros factores importantes que fazem com que o desejo de ter um filho seja adiado para mais tarde. Os casais jovens desejam ter mais uns anos de liberdade antes de terem um filho para “viverem a vida”, ou com o início das suas carreiras muitos deles também sentem que não conseguem conciliar esta fase da vida com o cuidar de uma criança, ou ainda porque esperam ter uma vida financeira estável (Balén, v. F. 2005). Segundo Frank van Balén (2005) o desejo de ter um filho é maior em mulheres que

sejam mães em idade jovem do que em mães pela primeira vez numa idade mais tardia, e que este desejo aumenta no caso de mulheres inférteis.

A resolução dos momentos de crise que acontecem no processo de gravidez resulta, segundo Brazelton & Cramer (citado por Botelho, T., 2003) de duas instâncias. Uma delas, e em primeiro lugar, é exactamente a forma como a construção do desejo de engravidar (e de ter um filho) conseguiu ou não resolver os conflitos e as experiências vividas na infância. Compreende-se assim que a gravidez reflecte toda a vida anterior até ao momento da concepção: as experiências da mulher com as figuras parentais, as vivências seguintes no triângulo edipiano, as forças que promoveram a sua adaptação a esse triângulo e, finalmente, a separação dos pais. Tudo isto se relaciona e influencia o modo como a mulher se vai adaptar ao seu novo papel. O segundo e último movimento remete para a capacidade da grávida de se adaptar a esse estado gravídico.

Ainda que biologicamente a transição para a parentalidade se inicie com a concepção, do ponto de vista psicológico e sociológico não é necessariamente assim. Mesmo antes da concepção pode registar-se toda uma série de acontecimentos e expectativas que a precedem, como sejam decisões acerca do se e quando ter uma criança, e que influenciam a experiência desta transição (Silva, A. L. & Pinto, A. M. 2005). Haverá algumas situações em que a “gravidez na cabeça” antecede a gravidez uterina: estão neste caso, as situações de desejo de uma gravidez ou, num outro extremo, as experiências consecutivas (de insucesso) de fecundação medicamente assistida. Já noutra plano, há alturas em que a gravidez uterina precede a “gravidez na cabeça”: como sucede numa gravidez indesejada (Sá, E. 2004).

Vários são os estudos que abordam questões sobre a gravidez, e muita literatura se encontra sobre o tema. No entanto, houve uma questão em particular que nos pareceu importante em todo este processo, e pouco abordada. O desejo de ser mãe será algo construído ao longo do crescimento? É um desejo que a mulher sente desde cedo, ou numa fase específica da sua vida? O que a faz realmente sentir este desejo? **Procura-se construir um modelo teórico, segundo uma metodologia qualitativa, de forma a tentar compreender de uma forma mais profunda esta série de acontecimentos e expectativas que estão por detrás do desejo de ser mãe.**

Método

Participantes

Os dados recolhidos foram retirados de onze entrevistas, em que cinco foram efectuadas no âmbito do presente estudo (Anexo A) e seis entrevistas cedidas de outros dois trabalhos de Monografia de Licenciatura (Dina Tomás, “Insucesso de gravidez e Comportamento parental” 2003/2004 e Mariana Vasquez Moretti, “Projecto de Maternidade” 2005). Tendo em conta o objectivo do estudo em que se pretende compreender o conceito no seu estado mais comum, todos os participantes eram do género feminino não tendo sido delimitada uma população ou faixa etária específica. Deste modo, recolheram-se essencialmente três realidades de entre todas as entrevistas. Um grupo de cinco mulheres com experiência de insucesso de gravidez, outras cinco mães com um e dois filhos e por fim uma mulher ainda sem filhos.

Procedimento

Foi feito um primeiro contacto com as participantes onde foi explicado sucintamente o intuito do estudo. Após o consentimento das mesmas marcou-se uma entrevista no sítio preferencial da entrevistada. No início da entrevista foi explicado, mais uma vez o intuito do estudo e apresentada uma carta de consentimento informado, onde foram explicitados todos os pormenores decorrentes desta investigação (direitos e responsabilidades) e assegurado o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos. Após este procedimento demos início à entrevista gravada. Iniciou-se sempre a entrevista pela pergunta “Antes de mais, o que representa para si ser mãe”, desta forma abriu-se a porta para o diálogo introduzindo-se o tema do estudo e o espaço necessário para a entrevistada falar livre e abertamente. Sendo uma entrevista semi-estruturada, foram surgindo diferentes perguntas ao longo de cada entrevista. No entanto, existiram perguntas comuns, sendo estas: “O que sente quando pensa em ser mãe?”, “Desde quando é que sentiu esse desejo?”, “Pensa que alguma coisa a preparou para ser mãe?”, “O que a fez desejar ser mãe”, “Pensa que sempre pensou a maternidade da mesma forma?”, “O que significaria não ser mãe?”.

Análise dos Dados

As entrevistas foram transcritas na íntegra e depois analisadas. Ao longo de uma leitura pormenorizada das entrevistas foram escritos, à margem do texto, os incidentes que iam surgindo, ou seja, foi atribuído um nome que nos pareceu representativo de um determinado fenómeno. Ao mesmo tempo que foram aparecendo os vários incidentes criaram-se categorias, comparando-se consecutivamente com os dados que iam surgindo (Glaser e Strauss, 1967). Simultaneamente foram-se escrevendo memorandos sobre os incidentes e categorias que iam emergindo de forma a desenvolver o processo de codificação. Assim, a comparação entre semelhanças e diferenças dos dados permitiram não só conceptualizar categorias e as suas propriedades, como criar hipótese de relação entres esses elementos. Numa segunda etapa, integraram-se as categorias e as suas propriedades, relacionando as variáveis. Por último delimitou-se a teoria. Enfatizaram-se as categorias mais importantes, definindo-se a que foi considerada principal para a explicação do processo em estudo e escreveu-se o modelo. Este modelo tem como objectivo ser, de uma forma funcional, explicativa do desejo de maternidade.

Resultados

Após a análise das entrevistas, segundo o método da Grounded Theory, e de acordo com a amostra e o tema em estudo, chegamos ao modelo presente na Figura 1.

Ao longo das entrevistas as entrevistadas foram relatando o que sentiam em relação à maternidade e o que significa para elas serem mães. Apesar de terem sido recolhidas realidades diferentes, obtiveram-se pensamentos comuns entre mães com sucesso na concretização do seu desejo, na que não o tinha como objectivo principal mas é mãe, nas mães com experiências de insucesso de gravidez, e também em relação à entrevista da E que ainda não sendo mãe este desejo manifesta-se como o seu objectivo principal de vida.

Entre os vários incidentes que foram surgindo, deparamo-nos primeiramente com factores gerais. Verificamos que entre as várias considerações sobre o desejo de maternidade existem alguns factores comuns a todas as mulheres entrevistadas. São estes os factores Educacionais e Sociais. Quando questionadas pela primeira vez sobre o que representa ser mãe, existe a tendência para dar uma resposta de acordo com conceitos aprendido a nível **social**. Apesar deste ser um conceito em mutação, parece que a maternidade e o desejo de ser mãe ainda estão muito associados a uma **funcionalidade da mulher**. É normal, perante a sociedade actual que o percurso de vida de uma mulher passe por um projecto de casamento e filhos, isto é, que constitua família. Biologicamente o corpo da mulher está preparado para ter filhos, e essa será a sua maior função. Este conceito parece estar presente e interiorizado na mulher. Assim, antes de mais, parece existir um conceito uniformizado do que é ser mulher perante uma determinada sociedade e qual a sua função.

Paralelamente surge outro conceito, o desejo ligado a um **projecto numa relação a dois**. Como já referido, o desejo de maternidade é percebido como comum no decorrer de uma relação, mais propriamente de um casamento. Quando já existe uma relação estável, o patamar seguinte será ter um filho. Sentem-no como uma realização pessoal e do casal. Parece que com o passar do tempo surge um vazio que é sentido como ultrapassável com a presença de uma criança.

É também adquirido e aceite socialmente, que exista uma certa **condição financeira**, profissional e maturativa para que se tenha um filho. A mulher deseja ser mãe e decorrente dessas expectativas, deseja o melhor para o seu filho. Entre estes factores uma condição económica minimamente favorável parece ser a mais valorizada pela mulher, pois dá a sensação de uma maior **estabilidade**. No fundo, e como referiram todas as mães “Um filho é uma grande responsabilidade”. Tudo o que implica cuidar de uma criança faz com

que a mulher sinta uma **responsabilidade** acrescida. Esta responsabilidade delimita o fim da fase da adolescência e a passagem para a fase adulta, como se adquirissem uma maior maturidade.

Igualmente quando o núcleo social no qual a mulher está inserida já concretizou este desejo, este pode ser um factor que funciona como pressão para a concretização do desejo: entrevista E “(..) começa-se a ver os amigos à volta com filhos, família.”

Decorrente das **experiências anteriores** vividas pelo indivíduo, como a sua própria infância, vai sendo construído um modelo de família. **Referências familiares e educacionais** apreendidas ao longo do desenvolvimento são apontadas como importantes. O facto de ter uma família numerosa em que irmãos, primos, e outros familiares vão ao encontro deste projecto, pode de alguma forma levar a mulher a querer seguir este caminho. Assim, ter uma família numerosa faz com que sintam o desejo de dar continuidade à tradição familiar. Por outro lado, quando a experiência é contrária, ou seja, quando as experiências anteriores têm por tradição uma família pequena, existe o desejo de querer contrariar esta tendência para de igual forma dar continuidade à família. Nestes casos o desejo pode intensificar-se sendo alvo de maior pressão. A forma como são educadas, e como essa educação foi interiorizada leva a mulher a querer dar continuidade a valores e aprendizagens sentidas como positivas. Como exemplo na entrevista é E é feita uma referência à família como precedente do desejo: “ a vontade acho que depende de cada um, mas os nossos pais, a forma como eles nos tratam traz muito daquilo que acabamos por querer transmitir aos nossos filhos”. Existe o desejo de quererem dar **continuidade à família**, aos valores e, frequentemente referido, à própria **espécie**. Por esta razão as mulheres associam as referências que têm da sua própria família ao desejo de quererem ser mães.

Estes factores, acima mencionados, são tidos como preponderantes para o desenvolvimento do desejo de maternidade. No entanto, no decorrer da análise fomos percebendo que esta influencia insere-se mais ao nível do planeamento, isto é, de qual a melhor altura para a concretização do desejo, não sendo de todo impeditiva do mesmo. Desta forma, verificamos que têm maior peso os factores que identificámos como individuais, sendo estes os que estão no cerne do desejo.

Ligado ao sentimento aprendido de função da mulher está uma capacidade própria que designam como **Dar Vida**. Quando questionadas sobre o que significa serem mães é unânime respostas como “é dar vida a alguém”. Esta capacidade é sentida como um dom que só elas têm e que identificam como uma dádiva. A forma como evidenciam este “dom” confere-lhes identidade, sendo mães são mais mulheres, aumentando assim a auto estima. Questionam-se, de uma forma identificativa, como é que são capazes de ter esta

capacidade de poderem através do seu corpo gerar uma nova vida: (A) “muitas vezes quando olho para a minha filha penso como é esta coisinha saiu de dentro de mim, como é que nos mulheres temos esta capacidade de poder procriar”.

É igualmente comum ouvir-se falar num **instinto maternal**, algo que descrevem como interior e que de alguma forma faz com que numa determinada altura consigam identificar o desejo. É igualmente adquirido a nível social, pois é um conceito adquirido pelas experiências de outras mães. Este “instinto” parece conceder à mulher uma certa segurança. Sentem-se mais seguras pois acreditam que este instinto faz com que estejam preparadas para todos os desafios que irão ter de enfrentar ao longo da gravidez e posteriormente nos cuidados básicos primários do bebé. O instinto maternal é como um marco do início do desejo que pode ser identificado “desde cedo”, “mesmo antes de conhecer o companheiro” ou “após ter conhecido o companheiro actual e ter uma relação estável”. Assim, o instinto maternal é como que um delimitador de desejo que é referido quando questionámos sobre desde quando é que o sentiam e é algo securizante.

Embora não consigam precisar desde quando é que aparece este desejo e sendo muitas vezes descrito como “desde sempre”, é unânime que se **intensifica com a idade**. Apesar de actualmente o ritmo de vida e de trabalho a que estão sujeitas as mulheres possam fazer com que o desejo de serem mães seja adiado para mais tarde, existe a percepção de que com o avançar da idade a funcionalidade própria do corpo da mulher possa falhar. Existe o medo que mais tarde possa haver dificuldade em engravidar, ou que possam existir consequências na saúde do bebé o que causa insegurança quanto ao adiar este projecto. Desta forma existe como que uma margem em que a idade é percebida como tardia, e com o alcançar desse limiar o medo de poder não engravidar intensifica-se, intensificando-se o desejo. Sendo as condições económicas importantes e normalmente avançadas no avançar da idade, pois as mães preocupam-se em proporcionar um bom futuro aos seus filhos, o não alcançar dessa situação acaba por não ser impeditiva e o desejo fala mais alto. Uma maternidade tardia pode significar, de igual forma, a perda de determinadas experiências interiorizadas de forma diferente quando vividas por uma mãe jovem. O acompanhamento do crescimento da criança é percebido de forma diferente.

Associado à característica da idade, encontra-se o **desejo de ter um segundo filho**. Uma idade tardia pode também significar a impossibilidade de vir a ter mais filhos. Quando existe um desejo forte existe também o desejo de ter mais que um filho. Verificámos este desejo em referências como (A) “já não sou muito nova portanto se quero eventualmente ter um segundo filho como se calhar quero, não podia adiar por muito mais tempo”, ou (E) “Também não pode demorar muito mais tempo porque não quero ter só um”.

Ao longo do crescimento todos nos somos confrontados com o nascimento de outras crianças, seja no núcleo familiar ou entre o grupo de amigos. Frequentemente ouvimos relatos do que é a maternidade, mais propriamente do que é estar grávida, e todos os incómodos desde os enjoos às dores do parto, que estão relacionados. No entanto, para estas mulheres, a **experiência de estarem grávidas é sentida como positiva** e é muito valorizada em todo o processo de gravidez e maternidade. Ao desejarem tanto serem mães parece que os inconvenientes físicos característicos da gravidez são minimizados, sendo esta descrita como “normal”. Para além disso, a relação mãe-filho inicia-se muito antes do nascimento, e o facto de sentirem o bebé a desenvolver-se dentro delas faz com que, desde logo, criem uma relação de proximidade com o seu filho e sintam-no como parte de si. Assim, sentem-se preparadas para todas as fases gravídicas desde os primeiros enjoos até ao dia do parto. O facto de estarem grávidas confirma, de igual forma, a funcionalidade do seu próprio corpo e marcam a sua identidade enquanto mulheres. Na entrevista G2 a mãe vai desvalorizando todos os sintomas físicos próprios de uma gravidez, dizendo sempre que são normais e que no caso dela foram sentidos de forma pouco intensa acabando por referir: “ (...) mas pronto não é assim nada, não sei, ou se calhar eu já estava tão mentalizada que queria ser mãe que não tem sido assim nenhuma novidade por ai além”. No caso da mãe da entrevista C, com experiências de abortos de repetição, o desejo intenso chega a proporcionar a experiência de um parto sem dor: “ (...) é...eu tenho comentado com as minhas colegas, não sei se acreditam ou não, mas eu não tive uma única dor.” No caso da entrevista E em que ainda na concretizou o desejo a gravidez é de igual forma valorizada dizendo que vai adorar todas as fases da gravidez. Estas serão vividas com entusiasmo e certamente mais tranquilas e securizantes.

Este desejo manifesta-se como um **objectivo na vida** destas mulheres. Quando este é alcançado é sentido como um factor de **realização pessoal**, podendo ser um objectivo entre vários, ou o que irá superar todos os outros que a mulher não consiga realizar nas outras esferas da vida. Pode mesmo ser sentido como a base de todos os desejos, onde a mulher não se imagina sem um filho que a acompanhe, como nos refere a entrevista: (E) “uma realização a nível pessoal muito forte (...) não é só um desejo forte, é a forma como nos projectamos no futuro. Eu posso projectar-me a fazer mil e uma coisas, mas nessas mil e uma coisas existe sempre uma criança com que eu vou partilhar o que vier”. Verifica-se nestas palavras como ser mãe o objectivo de vida primordial para esta mulher.

Nas mulheres que entrevistamos este parece ser um dos objectivos principais nas suas vidas. Assim, parece-nos que o desejo de maternidade, mais do que inserido numa relação, ou adquirido a um qualquer nível social, é um **projecto individual**. Todos os factores encontrados e referidos anteriormente são importantes factores no desenvolvimento deste desejo, mas o que sobressai de todos estes relatos é o desejo principal de ser mãe. O

desejo de ser mãe está para além de existir um relacionamento ou, por exemplo, de existirem as condições financeiras apropriadas. Por isso foram usuais os relatos em que o desejo de maternidade está para além de um casamento, de terem um companheiro ou do filho ser biológico ou adoptado. Este desejo/projecto pareceu-nos ser acima de tudo individual. Não é significativa a forma como vão alcançar esse objectivo o importante é virem a ser mães. Quando existem experiências de insucesso de gravidez esta categoria torna-se mais evidente, embora por vezes a opinião de terceiros não seja positiva no que diz respeito ao seguir em frente o desejo individual destas mulheres está acima de qualquer apoio. Por exemplo, na entrevista 1, quando a mãe fala sobre a sua persistência diz: “Acho que a opinião das outras pessoas, nem mesmo a do meu marido contou muito. Apesar de não ter apoio de ninguém a minha ideia chegava”.

Assim, verificamos que quando existem experiências de insucesso de gravidez existe um exacerbar destas características. O querer ter um filho leva a uma consecutiva **persistência**, sempre na expectativa que da próxima vez irá correr bem, e o que seria um objectivo de vida chega ao ponto de se tornar uma **obsessão**. Em algumas mulheres que entrevistamos com insucesso de gravidez a persistência chega a atingir mais de dez anos de tentativas. Quando não é dada uma causa diagnostica para a dificuldade continuam a tentar consecutivamente sempre na esperança de algum dia conseguirem. **Não ser mãe** traz sentimentos de frustração e de profunda tristeza. Estes sentimentos estão presentes tanto nas mães que viveram essa realidade, como quando são apenas questionadas sobre essa possibilidade. Em alguns casos esta é uma hipótese que não é equacionável o que, quando acontece, trás ainda mais sofrimento. Quando questionadas sobre esta possibilidade recusam-na mencionando varias formas de ultrapassar a situação, seja por alternativas medicamente assistidas ou, a mais recorrente, o recurso à adopção.

A **adopção** é encarada em qualquer uma das entrevistadas como uma solução para alcançar o desejo de serem mães. No entanto a adopção é vivida como tendo algumas limitações pois não vão ter a experiência de toda a fase da gravidez e sentem algumas diferenças em relação ao sentimento de pertença, pois as mães referem-se aos filhos biológicos como “um filho meu, mesmo meu”. Existe ainda o medo de um dia mais tarde os filhos adoptivos não os reconhecerem como verdadeiros pais e querem conhecer a família biológica o que pode trazer sentimentos de não pertença e desenraizamento. Embora possam existir estes pensamentos, quando não conseguem, por alguma razão, ter um filho biológico esta é a forma de conseguirem alcançar o seu desejo maior, o de serem mães.

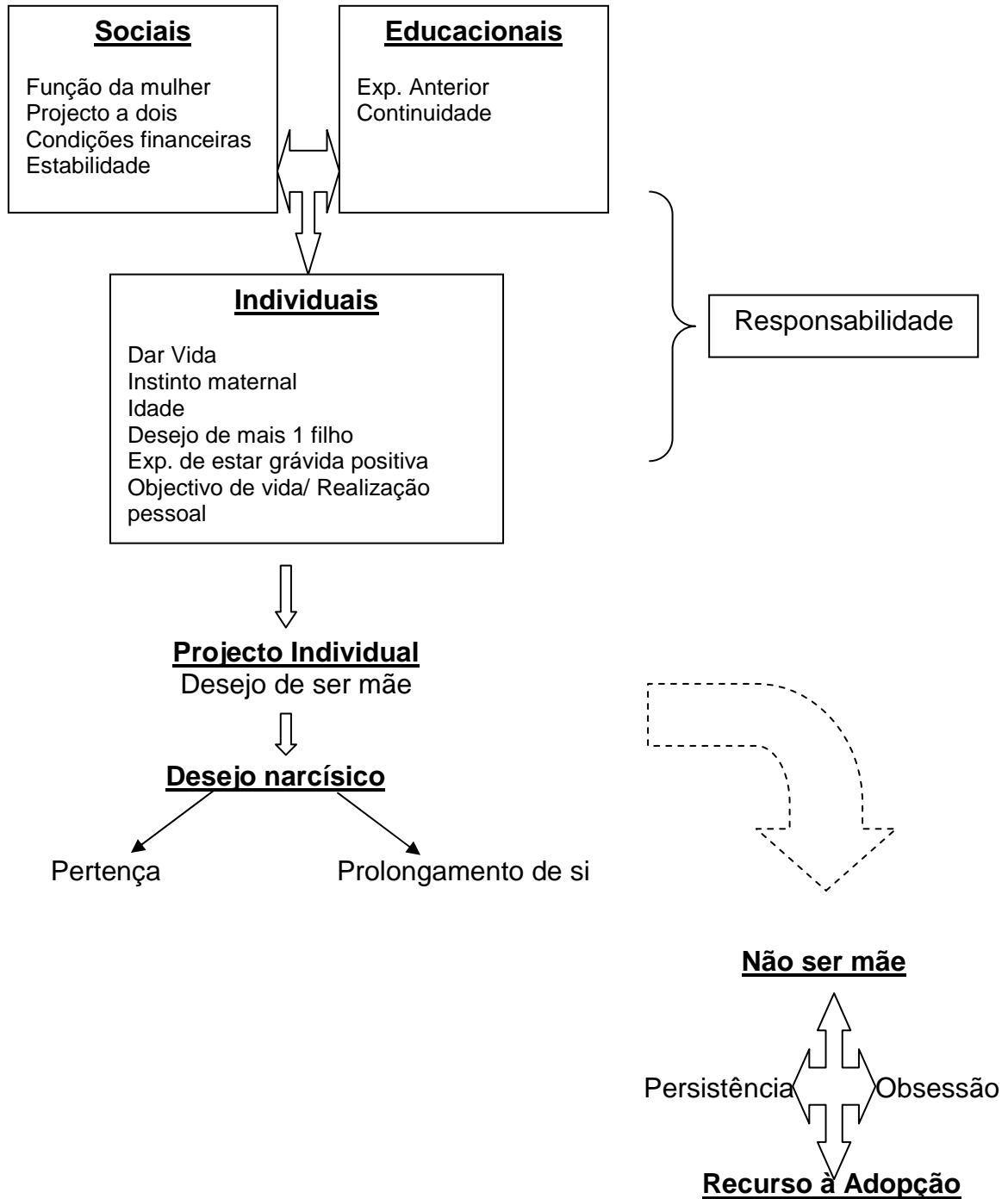
O desejo de maternidade, após a análise de todos estes factores parece ser algo sentido a um nível pessoal e individual, dando a percepção de um desejo narcísico. As mulheres sentem os filhos como algo que lhes **pertence** e que, ao contrário de tudo o resto, nunca lhes vai deixar de pertencer, são para sempre. Voltando a referenciar alguns relatos:

na entrevista B, a mãe diz “Mesmo que venha a casar e que venha a ter a sua vida, como é óbvio, é sempre uma coisa que é nossa. Ser mãe é ter qualquer coisa nossa...e pronto, que não pertence a mais ninguém”; na entrevista A menciona “por mais que as pessoas digam que não, é sempre diferente ter um filho teu, saiu de ti, e a expectativa é sempre diferente”; a C lembra “às vezes ainda me ponho a olhar para a minha filha e pensa...ela é minha”; e a E pensa que “quando é nossa dá muito mais significado...”.

Um filho ao sair de dentro do ventre materno acaba por ser uma parte da mãe, **prolongando-as** no tempo. É um prolongamento de si onde vão depositar todos os sonhos, desejos e esperança. Para além do desejo de continuidade da família ou da espécie, este será um desejo de continuidade da própria mãe onde depositara muitos sonhos e expectativas.

Figura 1

Factores:



Discussão

Perante a análise dos resultados, e de acordo com a pesquisa teórica efectuada, verificamos que muitos dos dados recolhidos vão ao encontro da literatura. Uma das conclusões a que chegamos é a de que o desejo de maternidade antecede a maternidade. Embora as mães não delimitem desde quando é que o sentem, é comum ser referido como desde sempre. Como nos diz Eduardo Sá (2004): a “gravidez na cabeça” antecede a gravidez uterina.

Ao longo do crescimento são múltiplas as aprendizagens, onde os indivíduos vão interiorizando alguns conceitos, a nível social e educacional. Encontramos nestas mulheres o desejo de dar continuidade as suas aprendizagens, aos seus valores, há sua família. O desejo parece vir no seguimento das experiências com a sua própria família, enquanto crianças, que sendo positivas fazem com que a mulher tenha vontade de replicá-las, ou pelo contrario ter a hipótese de poder modifica-las. Quando no núcleo familiar ou social, existem exemplos de pessoas próximas que partilham o mesmo desejo, existe como que uma pressão para serem mães, ou um intensificar do desejo. Assim como refere Filomena Bayle (2005), ao pensarem num filho os pais projectam motivações conscientes e inconscientes como o perpetuar da espécie, da família, dos valores, e esperam também encontrar na criança uma série de semelhanças que lhes dão continuidade. Em todas as entrevistas analisadas este é um ponto comum e importante no desejo de ser mãe, isto é, o desejo é influenciado pelas representações educacionais e sociais aprendidas.

Um dos pontos que nos parece pouco abordado na literatura e que pode ser de igual forma tranquilizador e promotor de uma boa adaptação da mulher a todo este processo de gravidez e maternidade. Verificamos que as mulheres que sentem um desejo forte de serem mães a experiência de estar grávida é sentida como positiva. Valorizam todas as experiências ao longo da gravidez, tanto a nível psicológico como a nível físico. Os enjoos, as dores, e outras peripécias características da gravidez dão à mulher a percepção de que o seu corpo funciona como esperado conferindo-lhes identidade. Por outro lado, este sentir o estado de gravidez como positivo parece ao mesmo tempo funcionar como uma forma de ultrapassar todas as dificuldades, minimizando as possíveis dores, chegando mesmo a existir relatos de parto indolor. O desejo continua a ser referido como algo interior, isto é, como um instinto que as desperta para a concretização do projecto de maternidade delimitando-o no tempo. Em conformidade, este “instinto” parece funcionar como um auxiliar na segurança da mãe, tranquilizando-a dando-lhes a percepção que serão capazes de enfrentar todos os desafios. Estes dois aspectos são importantes de ter em conta ao longo de todo o período de gravidez para além do já referenciado apoio social e familiar. Como nos diz Canavarro (2006), o apoio da família, amigos e mais concretamente do parceiro é

valorizado e securizante no sentido em que a existência de um suporte social durante a gravidez é fortemente associado ao bem-estar da grávida, assim como uma boa adaptação e qualidade dos cuidados prestados à criança.

Identificamos um intensificar do desejo de maternidade comparativamente com o avançar da idade. Por detrás deste sentimento estão, na verdade, alguns medos. Apesar de hoje em dia existir uma tendência para uma maternidade tardia, devido aos novos desafios impostos pela sociedade, existe com o avançar da idade, o medo de não conseguir engravidar ou de existirem consequências na saúde do bebé. Para além destes factores, estas mulheres desejam ter mais que um filho donde o avançar da idade pode também impossibilitar este segundo desejo.

Todos os factores descritos tanto a nível social como educacional são importantes impulsionadores do desejo mas não são impeditivos ou mesmo preditores do mesmo. O desejo manifesta-se assim, a nível individual na mulher, sendo um desejo forte de pertença e de prolongamento de si. O desejo está ligado a um projecto individual. Sendo quase sempre relacionado com um projecto numa relação a dois, segundo os resultados obtidos, este ultrapassa esta questão. A mulher deseja acima de tudo ser mãe, mesmo que não exista uma relação. O importante é ser mãe. Sentem o filho como algo que lhes pertence de uma forma eterna e que lhes irá dar continuidade. Neste sentido, como refere Bayle (2005), o bebé ao ser representado a mãe vai identificar-se com ele, projectando-o como a parte boa que ela tanto desejou e idealizou. Nesta imagem a mãe realiza os seus próprios ideais, sendo a criança um prolongamento dela própria. O bebé é assim investido narcisicamente.

Parece-nos importante que em futuras investigações sobre o tema seja explorada, ao pormenor, as experiências anteriores de forma a tentar perceber que consequência tem a educação das mães no desejo. Da mesma forma, explorar o desejo em mães onde existe insucesso de gravidez, de uma forma mais alargada, parece-nos ser enriquecedor do tema. Uma das questões que foram surgindo põe-se ao nível do projecto individual, que repercussão terá na criança este desejo, para além de uma relação a dois? Como será a relação destas mães com os seus filhos?

Referencia bibliográficas

- Balen, van F. (2005). Late parenthood among subfertile couples: motivations and educational goals. *Patient Education and Counseling*, 59(3), 276-282. Consultado através da fonte EBSCOhost Academic Search Elite database
- Biscaia, J. & Sá, E. (2004). A gravidez no pensamento das mães. In E. Sá, (Ed.), *A Maternidade e o bebé*. (2ª ed. Ver., pp. 13-22). Lisboa: Fim de Século.
- Botelho, T. (2003). Avaliação da personalidade de mulheres que sofreram um parto prematuro (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Baily, F. (2005). A Parentalidade. IN I. Leal (Ed.) *Psicologia da Gravidez e da parentalidade* (pp. 317- 246). Lisboa: Fim de século .
- Cordeiro, J. C. Dias (2002). Psicologia e psicodinâmica da gravidez. In J. C. D. Cordeiro (Ed.), *Manual de Psiquiatria clínica*. (2ª ed., pp. 115-128). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, A. S., Pires, A., Salvaterra, F. (2004). Filho do coração... *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 399-411. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Figueiredo, B. (2005). Psicopatologia da Maternidade e Paternidade. *Estudos e ensaios em Homenagem a Eurico Figueiredo* (pp. 83-97). Lisboa: Afrontamento.
- Glaser, B. G. & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory*. New York: Aldine de Gruyter.
- Lourenço, M. (2002). Conjugalidade e parentalidade: continuar a diade na presença de um terceiro. *Psychologica*, nº31, 25-42.
- Moretti, M. (2005). Projecto de Maternidade (Monografia de Licenciatura em Psicologia Aplicada). Tomas, D. (2004). Insucesso de gravidez e comportamento parental (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Oliveira, A., Faria, C. (2000). Desejo de ter um filho em casais discordantes cujo homem é seropositivo para o VIH-1. In J. Ribeiro, I. Leal, e M. Dias, *Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. (pp. 135-147). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Pires, A. (2001). Introdução à Grounded Theory. In A. Pires (Ed.), *Crianças e pais em risco*. (pp. 39- 63). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Sá, E. (2004). Diagnostico pré-natal. In E. Sá, (Ed.), *A maternidade e o bebé*. (2ª ed. rev.,pp. 23-34). Lisboa: Fim de século.
- Tomas, D. (2004). Insucesso de gravidez e comportamento parental (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Anexos

Anexo A

Entrevista A

Nome: Sónia

Idade: 33

Filhos: 1

Idade: dois anos

Entrevista com Sónia

E – Muito Boa tarde, o meu nome é Ana Santos e no seguimento da explicação que lhe foi dada, vamos dar então início à entrevista.

O que é para si ser mãe?

S – Ser mãe, ser mãe é por um filho à frente de tudo, e é ter uma pessoa que depende de nos para sempre, mais do que nunca até aos 18 anos, e é cuidar, é dar amor (emociona-se), é...sei lá...é tudo aquilo...hoje em dia compreendo melhor, se calhar, o que é ser mãe e o que é que os meus pais às vezes os meus pais se preocupam comigo, ou são um bocadinho chatos, ou isto ou aquilo, compreendo melhor porque sou mãe hoje em dia, não é? Portanto ser mãe é isso, é estarmos cá para as coisas boas, para as coisas menos boas, termos um ser que depende de nos para tudo, desde que nasceu até ser maior de idade, e mesmo assim depois continua a preocupação...

Dependência

Dar Amor

Preocupação

Dependência

E – E pensa que houve alguma coisa que a preparou para ser mãe?

S – Alguma coisa como assim? Se senti algum feeling, se senti alguma coisa de especial?

E – Se identifica algo que a prepare, como por exemplo a educação...

S – Como vim de uma família que por tradição teve filhos e tive uma educação mais ou menos católica, e pronto fui educada como uma pessoa...a realmente também...como uma pessoa que quer reproduzir, que quer dar continuidade à espécie, eu sempre tive vontade de ser mãe, portanto...e isso já tinha algum tempo, portanto fui mãe com 33 anos e se calhar já tinha vontade de ser antes, não se proporcionou....e pronto está a ser bom, muito trabalhoso. Mas está a ser muito bom... e veio na altura, acho que, que devia ter vindo...

Educação

Continuidade da espécie

Vontade desde cedo

E – E quando pensa que é mãe, o que é que sente?

S – O que é que sinto...pronto foi aquilo que há pouco já disse...que é uma responsabilidade, uma coisa muito boa...olhar a minha filha e ela rir-se para mim, e...pronto...reconhecer que sou eu, e quando chego a casa ela vem logo a gatinhar porque vê que eu cheguei...pronto...é uma sensação...vá lá, é mais um objectivo na

minha vida alcançado...e...era um objectivo pessoal, de vida, familiar...e pronto acho que veio na altura que devia ter vindo...podia ter vindo um bocadinho mais cedo, mais tarde não mas veio numa altura mais ou menos planeada, se tivesse sido um ano ou dois a mais também não tinha sido problemático, mas se tivesse vindo ainda um bocadinho mais tarde, vivia mais intensamente ainda...pronto...Muitas vezes quando olho para a minha filha penso como é que esta coisinha saiu de dentro de mim, como é que nos mulheres temos este dom de poder procriar...porque eu ouvia as pessoas falarem dos seus partos e como é que tinham corrido, e como é que era ser mãe, e agora tenho a experiência mesmo na pele, e dou-me conta de olhar para a minha filha e ainda lembrar o tempo em que ela nasceu, do que passei e como é que foi, e de toda a experiência em questão.

Responsabilidade

Reconhecer como mãe

projecto de vida

Prolongamento de si
Função da mulher
Dar vida

Experiência de estar grávida positiva

E – Foi uma boa experiência?

S – O parto em si nem por isso, custou-me um bocado, nunca pensei que nos dias de hoje custasse tanto. Sei que cada caso é um caso, por aquilo que eu oiço, é o primeiro filho e portanto também acredito que hajam mais dificuldades, ou mais resistência, ou mais expectativas, ou mais nervos, por ter sido uma primeira vez...mas foi um parto, apesar de normal, um bocadinho complicado, portanto...

Experiência do parto doloroso

1º filho mais difícil

E – E a gravidez foi...

S – Foi uma gravidez normal, tive bebé já com quarenta e uma semanas e um dia, uma semana e pouco já depois...e portanto a maternidade prolongam no máximo até às 42 semanas...tive uma gravidez sem grandes problemas, nada assim de especial...

Experiência de gravidez positiva

E – Sonhou muito com a gravidez?

S – Não, não me lembro de ter sonhado nada...

E – E sonhar acordada?

S – Sonhar acordada...por acaso nunca...eu lia aqueles livros de maternidade e tudo mais...mas acho que nunca dei por mim a pensar se teria o meu cabelo, se não teria, se tinha os meus olhos...por exemplo, ela saiu-me com olhos azuis e eu nem sequer me tinha lembrado que podia ter olhos azuis, porque a minha família tem olhos claros, a minha mãe, o meu irmão e o meu marido têm olhos claros....mas se calhar o segundo

Não imagina o bebé

já idealizo isso porque no segundo já vou recordar essas situações, mas na altura quando estava grávida acho que não fantasiava muito...será que vai ter o cabelo assim, ou os olhos assim, não... nunca, não sei porquê, mas nunca fantasiei muito...

Experiência do 2º filho diferente

E – E o que é que pensa que a fez desejar ser mãe?

S – Não sei...eu acho que...não sei se tem 100% explicação... eu acho que há pessoas que dizem eu tenho vontade de ser mãe, outras que dizem que isso não lhes passa pelos seus objectivos, sei lá pessoas com 30, 40 anos... há pessoas que não querem, pronto. Mas eu acho que grande parte da sociedade, grande parte das pessoas tem desejo, não é? Há um instinto...sei lá, e eu acho que também senti um bocado esse instinto...a vontade de ser mãe, e ver a idade a passar e passar que já estava na altura para isso, se bem que hoje em dia já se fala muito das pessoas terem os filhos aos 40 e há casos disso mesmo, trinta e poucos quase quarenta e com bebés saudáveis, e as vezes até há o contrario pessoas com vinte e poucos com dificuldades em engravidar. Há as duas vertentes. Mas eu acho que cheguei à fase em tinha um relacionamento estável, tinha uma vida familiar também estável, como tinha as condições financeiras mais ou menos estáveis para isso, e incluindo a vontade que também tinha de ser mãe... pronto...

Sociedade

Instinto maternal

Idade

Saúde

Relacionament
o estável

Condições financeiras

Desejo de ser mãe

E – Identifica algum momento, ao longo da sua vida, onde esse desejo tenha sido mais forte?

S – Sim, eu acho que o desejo intensificou-se a partir dos 30 anos...acho que antes não...também...não...ahhh...também não digo que não tenha tido vontade entre os 28 e os 30 mas pronto... por não ter uma relação, digamos...pronto, uma relação estável, e nem sequer tinha conhecido o meu actual marido nessa altura, no entanto se calhar aí já tinha algum instinto maternal...acho que sim..e por isso também se intensificou mais a partir dos 30, e daí a maior vontade e também a questão da idade. Pode ser preconceito ou não, mas também contribuiu....quer dizer, “já não sou muito nova, portanto se quero eventualmente ter um segundo como se calhar quero, se calhar não podia adiar por muito mais tempo.

Idade

Relacionament
o Estável

Instinto maternal

Desejo de ter um 2º filho

E – Esse sentimento seria por achar que a partir de uma certa idade é mais difícil ou...

S – Porque ficava uma mãe mais velhota, e tenho a experiências das minhas irmãs que foram mães cedo, foram mães com vinte e seis anos. Hoje em dia tenho uma irmã com

45 anos e tem os filhos praticamente criados, tenho uma com quase 20 que já anda na faculdade e outro com quase 17...e portanto ao ser mãe cedo, claro que também, se calhar o que eu vivi e ela não viveu, mas que agora também pode ficar descansada porque tem os filhos criados, e ao ter tarde acabo por ter a vida um bocadinhos mais condicionada, pronto... mas como disse, também não queria ter tido muito antes dos trinta, por isso acho que foi mais ou menos na idade. Se tivesse vindo um ano ou dois mais cedo, se calhar tinha sido melhor, mas pronto também não é uma no ou dois que vai fazer grande diferença.

Continuidade da família

E – Pensa que sempre pensou a maternidade da mesma forma?

S – Acho que a partir dos 28 comecei a pensar de forma diferente, nunca sequer me passou ser mãe aos 20 ou 24, nem aos 23, sem sequer passei por situações complicadas como alias hoje em dia ouvimos, raparigas que têm de fazer um aborto ou que ficaram mães de repente...nunca estive numa situação dessas, nunca na minha vida, nem sequer sei como é que reagiria se calhar ficasse grávida aos 21 anos, mas também acho que nunca faria um aborto. Respeito e aceito quem o faz. Não sei se posso dizer se sou contra ou a favor...não se, mas pelo menos sei que com 20 ou vinte e qualquer coisa nunca faria um aborto...a não ser se fosse aqueles casos que toda a gente conhece, como grande deficiência do feto, ou uma violação, ou o caso de ser daquelas relações que não são relação nenhuma, portanto um caso esporádico. Mas essas situações parece-me que só mesmo na altura quando a gente está nelas é que...mas também nunca me imaginei ter filhos ao 21, 22, 24, nem sequer me passou pela cabeça ficar grávida

Não pensava em ser mãe muito nova

Idade

Sociedade

Aborto

E – Mas lembra-se de ter tido esse desejo em criança? Por exemplo quando brincava com bonecas?

S – Não me lembra. Não posso dizer que me lembro se quando era criança. Se calhar lembro-me das profissões que queria ter quando era miúda, mas não me recordo se quer se alguma vez tinha vontade, ou já...acho que gostava o quanto basta o normal, não me recorde de já em miúda ou na adolescência ter aquela vontade... Também não me lembro de nenhuma altura na minha vida em que tivesse dito que não, não quero ser mãe, ou que tivesse posto isso em causa, ou depois tenha crido. Também há pessoas que se calhar nunca pensaram ser mães até aos trinta e tal e depois de um momento para o outro, ou porque casaram, ou porque tiveram uma relação, ou porque entretanto a vida mudou, ou porque encontraram um grande amor que de facto existiam

Projecto numa relação a dois

e que queriam...ah... eu nunca estive numa situação dessas, portanto acho que sempre quis ser mãe. E lá está também pela conduta, talvez por ser católica, e porque tive uma educação sempre a lidar com sobrinhos, com crianças, com irmãos, portanto acho que essa vontade veio daí.

Desejo de ser mãe

Educação

E – Liga também esse desejo à educação...

S – Sim eu gostava muito de crianças, e já tinha um bocado aquela questão que na realidade é uma daquelas coisas que sai de nos por amor, e aliás tudo na vida se compra, tudo na vida se troca, só se tem se tiver poder monetário, e acho que e um filho...claro que também só se deve ter se tivermos as mínimas condições, mas quer dizer é...nós geramos um ser que está dentro de nos, e nos temos essa dívida tão boa, tão graciosa de dar vida. Nós é que damos vida, todos homens e mulher que andam na rua, quer dizer, nós mulher é que temos esse dom...e... é isso (sorriso).

Sentimento de pertença

Condições financeiras

Função da mulher

E – Estava a pensar... se não fosse mãe? O que é que significaria?

S – Conheço pessoas que têm muita dificuldade em engravidar, e conheço pessoas que já tentaram e não conseguiram...eu acho que teria de aprender a lidar com isso, digamos que temos de aprender a lidar com as nossas frustrações. Aquilo que não podemos ter, ou que por mais que tentemos não conseguimos, temos de saber lidar com todas essas situações na vida. Acho obviamente que me ia sentir muito triste e muito frustrada, mas depois eu acho que hoje em dia temos sempre alternativas para as coisas. Se calhar podia não ter um filho biológico, mesmo meu, mas talvez adoptaria ou dedicaria-me mais aos meus sobrinhos que já são cinco. Sei lá, talvez adoptasse, ou recorreria a alguma das técnicas que existem hoje em dia...acho que temos várias alternativas.

Frustração

Tristeza

Sentimento de Pertença

Adopção

Se não conseguisse ter um filho meu acho que não ficava por aí, acho que tentava outras formas de o conseguir ter. Se bem que, acho que agora até vou ser mazinhas no que vou dizer, e se calhar até um bocadinho egoísta, nem sei se o que vou dizer é correcto ou não mas...é sempre diferente ter um filho meu mesmo biológico. Há sempre aquela situação, em que não é amar mais um que outro. A questão é, a pessoa que é adoptada mais tarde ou mais cedo, se poder, vai querer sempre conhecer os seus pais verdadeiros e acho que isso é sempre uma condicionante. É uma situação em que teria de pensar muito bem antes de o fazer. Ou então uma situação em que não existissem mesmo pais, ou numa situação em que não haveria nenhuma hipótese dele ter acesso aos pais, se calhar aí ia-me sentir muito mais aliviada e à vontade para o fazer. Para

mim o amor ou o carinho não se deve cobrar, mas para mim uma pessoa estar a criar uma criança ou um bebé durante muitos anos e depois no fim de muitos anos a outra pessoa querer eventualmente até proibir de ver aquela criança...por mais que não se deva cobrar esse tipo de sentimento não seria fácil para uns pais, no fundo, lidar com isso. Eu acho que se tivesse de tomar essa opção teria em conta muitas situações.

Sentimento de
pertença

E – Portanto, o sentimento de pertença é algo forte e importante...

S – Sim, acho que sim. Por mais que as pessoas digam que não, é sempre diferente ter um filho teu, porque é teu, saiu de ti, e a expectativa é sempre diferente. É diferente no sentido que, lá está passaste por todas aquelas fases, desde ficar grávida, passares aqueles nove meses, o momento do parto, o primeiro contacto que tens com o bebé. Quando ele é adoptado não tens nada disso, essa parte é diferente, a expectativa é diferente. Agora, acredito e aceito que se possa amar um filho da mesma maneira seja adoptado, seja nosso. Agora... há estas experiências que se o filho for adoptado tu não tens.

Sentimento de
Pertença

Prolongamento
de si

Experiência de
estar grávida
positiva

E – E como é a sensação, quando se faz o teste e se sabe que se vai ser mãe?

S – Eu lembro-me perfeitamente do meu, foi na farmácia mas por acaso só o segundo é que deu resultado. Eu, lá está ... nunca tinha estado grávida, e depois ouvir aquelas histórias mirabolantes, que me custa a acreditar, de pessoas com quatro e cinco meses e que não sabem que estão grávidas. Eu acho inacreditável como é que isso é possível. Mas mesmo não estando grávida anteriormente, tenho mais ou menos uma ideia do que são os sintomas de uma grávida, sei que faltou-me o período, tive um enjoo ou outro, portanto supus logo que estivesse. Fiz o teste na farmácia e deu negativo mas acho que fiz cedo demais, ou então não o fiz convenientemente e na altura deu negativo. Portanto, mas mesmo assim tinha a ideia que estava porque continuei sem ter o período...e pronto, eu sempre fui muito certinha no ciclo menstrual e nesse mês não fui. Passado uma semana e pouco fui novamente à farmácia e deu logo positivo. Não tive dificuldade nenhuma em engravidar, há pessoas que tem muita dificuldade em engravidar, eu acho que ao primeiro descuido que tive engravidei logo.

Percepção de
estar grávida

E – E a sensação de ter o teste na mão...

S – Lembro me perfeitamente quando liguei para a farmácia a perguntar o resultado do teste e a farmacêutica disse “prepare-se que vais ser mãe”. Foi uma sensação tão boa,

Sensação boa

porque é como eu digo na altura não foi um bebé bem planeado, mas também não estava na situação de planear ou deixar de planear, portanto se acontecesse, acontecia...e aconteceu. Tanto que eu tinha já tanta vontade de ser mãe que até o estar grávida veio primeiro do que me casar, portanto inverti um bocadinho os papeis. Não é que não quisesse casar, até porque casei depois, mas houve uma altura em que andava a ver quintas e sítios de casamentos e cheguei a um ponto que disse que já estava farta, e comecei a querer uma coisa mais simples, de maneira que até foi uma cerimónia mais simples já como a minha cabeça também queria. Se calhar posso então dizer isso, que os papeis inverteram-se e eu tinha já mais vontade de ser mãe do que propriamente fazer um casamento com um vestido de noiva muito bonito, x convidados...não, portanto assim se inverteram um bocadinho os papeis. Não é que tivesse pressa, mas sim não vou dizer que se calhar o relógio biológico não andasse mais depressa, que se calhar a questão de já ter 33 anos...havia a questão da segurança, agora recordo-me, podia não conseguir engravidar logo...mas não. Se calhar se soubesse que isso iria acontecer logo, se calhar até tinha feito o casamento primeiro e o filho a seguir. Para ele também não era muito relevante a questão do casamento, e como já éramos duas pessoas decididas e já vivíamos praticamente juntas. Portanto não ouve nenhum handicap. Não tive portanto, nenhuma dificuldade....

Planeamento

Acaso

Desejo de ser mãe

Projecto individual

Idade

Relacionament o estável

Maturidade

E – Tem algo mais que queira acrescentar?

S – Não, está tudo.

E – Obrigada pela disponibilidade.

Entrevista B

Nome: Ana

Idade: 47

Filhos: 1

Idade: 28 anos

Entrevista com A

E – O que representa para si ser mãe?

A – Ser mãe...sei lá...acho que é o desejo de qualquer mulher, acho que é uma realização pessoal, e acho que é...eu para mim acho que é maravilhoso...não sei...ser mãe é ter qualquer coisa nossa...e pronto, que não pertence a ninguém. Mesmo que venha a casar e que venha a ter a sua vida, como é obvio, é sempre uma coisa que é nossa, que faz parte de nos, sei lá...para mim acho que é isto.

Sociedade
Realização pessoal
Sentimento de pertença
Prolongamento de si

E – Pensa que existiu alguma coisa que a preparou para ser mãe?

A – Não, acho que não. Acho que fui bastante nova mãe, e claro que...

E –Que idade tinha?

A – Tinha 20. Fiquei grávida com 19, o meu filho nasceu tinha 20, é evidente que sabia tudo inerente ao parto mas dizer que estava preparada...não se está, aliás quando fui mãe, quando o Nuno nasceu foi um choque porque...pronto...foi aquela coisa de ver um bebé nos nossos braços não é...o que é isto...era meu? (sorri)...pronto é assim.

Informação
Choque
Sentimento de pertença

E – Uma sensação diferente...

A – Sim, uma sensação completamente diferente.

E – E quando é que sentiu o desejo de ser mãe?

A – O desejo de ser mãe...olha, senti logo a partir do namoro...portanto eu namorei 5 anos. Nos primeiros anos não, não senti necessidade de ser mãe. Depois a partir de certa altura sim, o objectivo já era ter um bebé.

Projecto numa relação a dois

E – Então não sentiu esse desejo desde muito nova.

A – Não, não foi.

E – O que pensa que a fez desejar ser mãe?

A – Foi uma realização, talvez, porque quer dizer...a única coisa depois do casamento, não é, que eu achava que faltava para me sentir realmente realizada era ter um bebé. E pronto, nos tentamos e veio.

Projecto numa relação a dois

Realização pessoal

E – E depois desejou ter outro?

A – Sim, depois desejei muito ter outro, mas nunca correu bem. Nunca correu bem.

Desejo de ter um 2º filho

E – Quer-me falar um pouco sobre o que não correu bem?

A – Olha, portanto, a gravidez do meu filho, não é, correu muito bem, foi normal, o parto foi normal...tudo foi normal. Apesar que, também no segundo mês, tive uma pequena ameaça de aborto, mas fiz um pouco de repouso e correu tudo bem. O parto também correu bem, a gravidez muito bem, correu tudo bem. Depois, talvez passados uns 4 anos, quando comecei a tentar ter outro. A partir daí da oitava para a nona semana abortava espontaneamente. Portanto, nunca consegui passar dali, da oitava semana não. Olha o que é que eu posso dizer...andei sempre a ser seguida na Maternidade Alfredo da Costa, na Magalhães Coutinho, andei em médicos particulares, tive sempre muitos ginecologistas particulares, fazia imensos exames. Ao princípio pensamos que podia ser do meu marido, ele também fez, pronto fez sempre exames, espermogramas...pronto, ele não tinha qualquer problema. Eu a mesma coisa, todos os exames que eu fazia não acusavam nada. Portanto nunca se conseguiu descobrir o que é que se passava. E eu fui sempre tentando, tentei ora 20...vá lá, 30, 35...uns 13 anos. pois, praticamente fazia um aborto espontâneo por ano. Eu fiz 13 abortos espontâneos.

Experiência de estar grávida positiva

Aborto

Apoio

Persistência

E – E esse acontecimento, como é que era vivido?

A – Pessimamente. Pessimamente, porque como era seguida sempre por vários médicos a expectativa era sempre muita, portanto que ia sempre correr bem, “desta vez vai correr bem”. Ora fazia repouso, ora tomava alguma medicação, e portanto a expectativa era sempre que ia correr bem. O que é certo é que nunca correu. Chegava sempre aquela semana, ora como se fosse um relógio, da oitava para a nona semana começava a abortar. Claro que era horrível. Era uma grande decepção, ficava muito mal psicologicamente. Tentava de novo, dava uns meses de espaço, tornava a tentar sempre na expectativa que ia correr bem. O que era certo é que acontecia sempre a mesma coisa. Foi muito doloroso, foi muito complicado.

Expectativas elevadas

Decepção

Expectativa

Percurso doloroso

E – Era essa expectativa que fazia com que não desistisse.

A – Sim, porque os próprios médicos como não encontravam problema nenhum davam-me sempre a esperança que ia correr bem. Mas não corria, não corria. Por último..talvez já no último ano, houve uma médica que, de facto me disse “eu já sei qual é o seu problema, é o de muita gente...” agora não me lembro do nome que ela dava, não posso precisar, sei que ela me disse, e ainda hoje tenho essa receita, “se tomar estes comprimidos, se tomar esta medicação vai correr bem. De certeza absoluta que vai correr bem”. Só que havia uma contrapartida, ela disse-me “você não vai ter só um filho, vai ter dois, três, não lhe posso dizer quantos, e forma quatro de certeza absoluta”. Então tive mesmo de desistir porque eu mais que dois filhos não queria ter, e até porque já estava a ficar crescidinha, e pronto. Embora ficasse com aquela esperança que talvez viesse a correr bem, mas pronto aí desisti, aí desisti. Nunca cheguei a fazer essa medicação.

Esperança

Idade/
desistência

E – E na altura, o que é que significou para si essa desistência?

A – Olha, pronto, é um desgosto não é. Eu por mim tentava só que também era complicado saber que podia ter dois ou três ou quatro, era complicado não tinha uma vida que me permitisse isso. Também não era esse o objectivo, o objectivo era ter mais um. Foi triste ter de desistir mas, pronto é como digo, também não podia ter mais, e na altura tinha 35/36 anos. Achei que seria melhor parar por ali.

Desgosto

Condições
financeirasObjectivo de
um 2º filho

E – E como é que esse acontecimento foi vivido?

A – Mal, foi mal, foi ultrapassado com psiquiatras, com psicólogos, com ajuda médica...pronto, com a força do meu marido também, do meu filho, e tive de ultrapassar. Teve de ser.

Apoio

E – Já foi respondendo as perguntas que tinha para lhe fazer. Quer acrescentar mais alguma coisa desse período?

A – Em relação a essa altura, o que posso dizer é que tenho mesmo muita pena. Ainda hoje tenho muita pena... aliás entrei na menopausa, e quando a menopausa começou não estava a contar com uma menopausa e ainda pensei que pudesse ser uma gravidez. E pronto, apesar de achar que já não seria altura pela idade, ainda fiquei na

Pena/ tristeza

Idade

expectativa e com uma certa esperança. Mas pronto, penso que esta ultrapassado e já não é a altura.

E – E sente que ficou algo por realizar. Esse filho seria uma realização para si?

A – Presentemente? Não. A partir do momento em que achei que não ia tentar mais nenhuma vez, tentei ficar bem, com ajuda médica mas tinha de ficar bem. Presentemente não, sinto-me perfeitamente realizada com o meu filho, sinto-me feliz e hoje em dia não sinto falta de outro. Fiquei com pena, até por ele não ter um irmão, também seria bom, talvez, para ele, e tudo isso fazia-me ficar triste e com pena. Agora presentemente já acho que passou o tempo, sinto-me bem e ele também teve de se conformar não é?! Ser filho único, e agora a minha expectativa é ter um netinho.

Sentimento de
realização
pessoal

Conformação

Entrevista C

Nome: Bruna

Idade: 40 anos

Filhos: 1

Idade: 2 anos

Entrevista com B

E – Boa tarde, vamos dar início a nossa entrevista. Antes de mais nada, gostaria de saber o que é que representa para si ser mãe?

B – Para mim ser mãe, penso que é um objectivo na sequência do processo de matrimónio, de relação a dois, e penso que é a parte final desse... desse processo, que é o casamento e a relação a dois... portanto, representa para mim o seguimento de uma geração, a próxima geração, e a continuidade da espécie, no fundo da mãe e do pai...

Projecto numa relação a dois /casamento

Continuidade da espécie

Continuidade da família

E – Sente que houve alguma coisa que a preparou para ser mãe?

B – Não propriamente porque sempre foi um desejo meu desde nova um dia ser mãe, mais do que ser casada e ter uma casa, foi ser mãe...portanto, eu se não casasse gostava de ser mãe na mesma...

Desejo de ser mãe

E – Identifica algo que a faça ter esse desejo de ser mãe?

B – Porque tenho amor para dar, porque gostaria de facto dar a tal continuidade de mim, do meu marido, da minha família. Sentir o desejo da família, também, de crianças que não havia...e é uma coisa muito interior, um desejo muito interior que é difícil de explicar.

Dar Amor

Prolongamento de si

Continuidade da família

Desejo interior

E – E há quanto tempo foi mãe?

B – Fui mãe há dois anos.

E – Há dois anos...portanto...

B – Fui uma especial...

Mãe especial

E – Quer falar um pouco acerca disso?

B – Sim, porque o meu filho é de fertilização in vitro. Foram dez anos de luta (emociona-se e chora)

Luta

E – (faço um silencio para a mãe se recompor)

B – Foi mesmo um desejo muito forte.

Desejo de ser mãe

E – Quer descrever-me um pouco essa sensação?

B – (emociona-se novamente) Foram muitos anos de luta, muito dinheiro gasto, foram muitas coisas postas de parte porque os tratamentos são muito caros...e foram muitos baldes de água fria...e pronto, mas consegui... e é uma grande felicidade...

Luta
Objectivo principal
Grande alegria

E – Pensa que sempre pensou a maternidade da mesma forma, ou foi mudando ao longo da vida?

B – Sempre senti esse desejo desde pequenina. Claro que depois de ter a minha vida estabilizada, começou a haver algum vazio, faltava qualquer coisa...e pronto, iniciamos o processo todo, e a cada ano que passava as coisas não corriam como nos pensávamos, basicamente foi isso ... depois passou a ser uma vontade de tal maneira grande que não se pensava em mais nada, portanto tudo o resto é posto de parte...não totalmente, porque a relação manteve-se...porque...é muito complicado manter uma relação quando há este tipo de situação, pois há muitas alturas de, não digo pressão, mas de tristeza profunda, uma sensação de fracasso, há um série de ...é muito difícil porque existiram uma série de sentimentos que apareceram, desapareceram. No fim foi tudo como eu esperava, do que eu pensava que era ser mãe...

Vontade desde cedo
Desejo de ser mãe
Estabilidade
Objectivo principal
Obsessão
Manutenção da relação
Frustração
Tristeza
Expectativas confirmadas

E – O que seria para si não ser mãe?

B – Não sei! Nunca imaginei! Digo isto porque se eu não conseguisse ser mãe iria de certeza adoptar mesmo que levasse muitos anos de espera, portanto é daquelas coisas... podia ser que não passasse por certas experiências...não iria passar pela experiência da gravidez, dos primeiros meses, mas nunca me imaginei sem crianças, não..

Não ser mãe
Desejo de ser mãe
Adopção
Experiência de estar grávida positiva

E – Como me falou nessas experiências...e a experiência do parto? Como foi?

B – Correu tudo muito bem. Foi uma gravidez muito feliz, muito calma a todos os níveis e foi um parto óptimo, não tive dores...portanto...é...eu tenho comentado com as minhas colegas, não sei se acreditam ou não, mas eu não tive uma única dor. Foi

Experiência de estar grávida positiva
Experiência do parto positiva (sem dor)

aproveitado ao máximo, tive as pessoas certas comigo e portanto foi tudo muito bom (sorri). Apoio

E – Pode descrever-me a sensação de ter o seu filho nos braços?

B – Ai! É aquela sensação que ainda não acredito que é real, porque às vezes ainda me ponho a olhar para a minha filha e penso “ela é minha”, mas isto é real, acontece mesmo, ainda há momentos que sinto isso, parece que ainda não acredito. Acho que é normal, na realidade foram dez anos. Sentimento de pertença

E – Foram sucessivas tentativas...

B – Sim, uma delas um bocadinho complicada porque tive de fazer uma interrupção aos cinco meses devido a uma doença grave do bebé... Aborto

E – Mesmo depois dessas sucessivas tentativas não se sentia ansiosa desta ultima vez.

B – Não, eu estava preparada para o que viesse...

E – E depois de todo esse processo...e agora que é mãe, como se sente?

B – É uma sensação de responsabilidade muito grande. Aproveito o dia a dia, todos os dias são umas experiências novas em que estou sempre a aprender. Noto que a minha filha está a ter um desenvolvimento normal. As minhas expectativas penso que não são muito ambiciosas para ela, quero que ela seja feliz. Sei que está a entrar num mundo complicado e parece que daqui a um tempo será ainda pior...penso que vai ser muito complicado melhorar, gostava que ela tivesse um mundo melhor, mas vai ter de aprender a lidar com ele. Eu tentarei ensinar o que poder dentro do bom senso, também dos meus valores, da minha família, tentar transmitir-lhe de forma a ser uma menina independente, que consiga tudo o que queira...E pronto, é isto. Continuidade da família

E – Gostaria de acrescentar mais alguma coisa...

B – A única coisa que posso dizer é que foi um processo muito intenso em que percebi que não estamos sozinhas e que podemos contar com os outros. As pessoas têm tendência a fechar, mas não se devem fechar devem deitar cá para fora tudo o que Apoio

sentem, ajuda muito...e falando relativamente às mães que têm o mesmo problema que eu tive, que tenham muita coragem e que não desistam. Por isso a minha filha chama-se Vitória.

E – Muito obrigada pela disponibilidade. Boa tarde e felicidades. Obrigada.

Entrevista D

Nome: Teresa

Idade: 41 anos

Filhos: 1

Idade: 14 anos

Grávida do segundo filho com 4 meses de gestação.

Entrevista com T

E – Boa tarde! Vamos então dar início à nossa entrevista. Gostaria, antes de mais, saber o que representa para si ser mãe?

T – Para mim ser mãe, para já para mim representa uma grande responsabilidade, é dar à luz alguém, dar uma vida...sei lá...uma grande responsabilidade no meu futuro e no da criança. Não sei o que posso dizer mais...

Responsabilidade
Dar vida

E – O que sente quando pensa que é mãe?

T – Quando soube que ia ser mãe, senti uma grande mudança na minha vida, senti que já não estava sozinha, que tinha de pensar em mim e noutras pessoas também, e que já não era independente, quer dizer, vi que tinha a minha responsabilidade aumentada e tinha que pensar no futuro dos filhos e tinha de trabalhar mais ainda para poder dar-lhes um melhor futuro, era mais isso que eu senti.

Percepção de mudança
Dependência
Responsabilidade

E – Sente que houve algo ao longo da vida que a preparou para ser mãe?

T – Não, penso que não. Acho que foi tudo natural, aconteceu. No primeiro era jovem ainda, agora já é pela segunda vez, tenho outra idade e penso que tenho outra maturidade, ... mas não, nada que tenha sido prepara, aliás da primeira vez até foi tudo muito surpresa para mim, ao principio até foi mesmo tudo um choque, depois é que as coisas começaram a ser mais fáceis...

Acaso
Maturidade
Choque

E – Atribui esse momento ainda durante a gravidez ou depois?

T – Durante a gravidez, sim. Durante a gravidez é que...ao princípio assustei-me um bocadinho porque se calhar a minha vida não estava profissionalmente bem para ter um filho, mas depois as coisas também se encaminharam (em tom de desvalorização) ...

Choque
Condições financeiras

E – Ao longo da sua vida, tinha pensado em ser mãe? Sentia esse desejo?

T – Quando era jovem não pensava muito nesse aspecto de ser mãe, não era aquela pessoa que pensava “agora o meu objectivo é casar e ter filhos”, não era isso. Aconteceu e estou muito contente de isso ter acontecido, mas não eram os meus objectivos, nunca foram...

Não era um objectivo
Acaso

E – Mas foi algo que foi mudando?

T – Sim, tanto foi que engravidei agora pela segunda vez, também não foi programado, mas mudou muito. Agora com 41 anos penso que...qualquer dia tenho idade para ser avó (ri) ...e pronto, agora as coisas também vai ser um bocadinho diferentes...vamos ver o que vai acontecer agora, se bem que ainda não estou bem mentalizada, quando o vir é que vou ficar mentalizada.

Acaso
Idade

E – O que sente que faz com que agora seja diferente?

T – Para já, estou mais preparada. A minha filha já tem 14 anos e já é uma mulherzinha, já está muito independente, tem a vida dela, os estudos dela, os amigos dela...eu no fundo, se calhar até estou mais preparada agora do que no primeiro, aliás no primeiro não estava minimamente.

Experiência do
2º filho
diferente

E – Talvez sinta uma maior disponibilidade...

T – Sim, nesse aspecto é diferente, muito diferente mesmo, acredite.

E – A experiência do parto, como foi?

T – Foi bastante...quer dizer...agradável não posso dizer... mas realmente foi muito fácil para parto, para a minha parte foi muito fácil. A experiência foi uma alegria, quando vi a pequenina, não é...

Experiência do
parto positiva

Alegria
(primeiro
contacto)

E – Qual foi a sensação...

T – A sensação...no princípio estava assustada a ver se ela estava toda perfeita, e a seguir é que comecei a olhar para ela... e tal... e então é que realmente vi que tudo tinha mudado, que as coisas mudaram, e foi um momento de felicidade, claro que sim. O que me faz alguma confusão e que realmente não consegui da primeira vez é...não consegui cortar o cordão...não sei se conseguirei desta vez, mas não consegui na altura, perguntaram-me e eu fui incapaz de o fazer...não...

Choque

Percepção de
mudança

Momento de
felicidade

E – Sentia...

T – Parecia que a estava a aleijar ou que estou a desligá-la de mim, ou qualquer coisa assim...e foi a minha mãe, que estava presente na altura, ela é que fez o corte...mas foi uma sensação que não há descrição. É uma ligação muito forte, eu já sentia, já sentia mexe-lo, pronto...mas foi uma ligação muito forte. Lembro-me de estar a olhar para ela para ver se estava perfeita...

Ligação muito forte

E – O que seria não ser mãe?

T – Acho que se calhar conformava-me...não ia realmente...se não fosse, talvez gostasse de ajudar alguém, pudesse adoptar alguém, e se calhar fazia ... mas não digo que era o meu objectivo principal, na altura não pensava muito assim, pensava mais no meu futuro profissional...tinha vinte e tal anos e pensa mais um bocado nisso e não pensava muito como é que seria. Queria era a minha estabilidade. É pronto, foi assim

Conformação

Adopção

Estabilidade

E – Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa...

T – Não...acrescentar ...posso acrescentar é que, ser mãe, já que o fui, gosto muito de o ser... e é o que eu posso dizer.

E – Obrigada pela sua disponibilidade. Boa tarde e felicidades.

Entrevista E

Nome: Nélia

Idade: 26 anos

Entrevista com Nélia

E – Olá, vamos dar início à nossa entrevista. Antes de mais nada gostaria de saber o que significa para si ser mãe.

N – Representar ser mãe...representa o cuidar de alguém, o proteger alguém mais que a nos próprios, amar alguém incondicionalmente. Dar vida a outra pessoa, um ser que é parte de nos. É muita responsabilidade, também. Hoje em dia também é muito o factor custo, que se tem de ter muito em conta. Acho que é uma parte de nos que todos acabamos por trazer ao mundo, e acabamos por cuidar. Umas vezes melhor, outras vezes pior porque não sabemos bem o que fazer em certas ocasiões, mas acho que é isso é cuidar de alguém que trazemos ao mundo da melhor forma que poderemos fazê-lo.

Cuidar
Protecção
Dar vida
Prolongamento de si
Responsabilidade
Condições financeiras

E – E o que sente quando pensa em ser mãe?

N – Feliz! Sinto-me feliz com o pensamento de ter um filho, ver uma criança a crescer (emociona-se). Não sendo mãe, vendo as outras crianças crescer é giro, é engraçado, mas quando é nosso penso que é diferente. Quando é nosso dá muito mais significado aquilo que tu tas a ver, o desenvolvimento tu acompanhas paço a paço, enquanto que com as outras crianças por muito tempo que estejas com elas não acompanhas paço a paço...e sinto-me feliz com a possibilidade de vir a ser mãe e acho que vou adorar todos os passos da gravidez, do desenvolvimento da criança, à fase da adolescência se calhar não vou achar tanta piada (risos) mas o acompanhamento que tu acabas por ter com as crianças é fabuloso. Sinto-me muito feliz na possibilidade de vir a ser mãe.

Felicidade
Desenvolvimento da criança
Sentimento de Pertença
Experiência de estar grávida positiva
Felicidade

E – Acha que houve alguma coisa que a tenha preparado para ser mãe, quando um dia tiver um filho?

N – Talvez a minha mãe, a educação que me deu, como cuidou de mim. Vontade acho que depende de cada um, mas os nossos pais, a forma como eles nos tratam, traz muito daquilo que acabamos por transmitir aos nossos filhos ou queremos transmitir aos nossos filhos. Não temos de fazer tudo igual porque há coisas que acabamos por concordar na nossa educação e outras com que não concordamos, mas sim acho que a educação que tive dos meus pais é um facto muito importante para o facto de querer ser mãe.

Experiência anterior
Educação
Continuidade da família
Experiência anterior

E – De certa forma acaba por existir uma mudança...

N – Sim, sim...porque acabas...pai nunca se é pai sozinho, ou nunca se é mãe sozinha, existem sempre duas pessoas independentemente de estarem separadas ou não...são sempre duas educações que vão entrar para a educação de um só...e...é encontrar um meio termo nessa educação porque há coisas que tu não concordas na educação que os teus pais te deram e há coisas que queres levar. Portanto, há muita coisa se leva da nossa educação, mas há muito coisa que não levas.

Educação

Projecto numa relação a dois

Educação

E – Desde quando é que pensa que sentiu o desejo de ser mãe?

N – (ri) Não sei...acho que sempre quis ser mãe, acho que nunca pus a hipótese de não ser. Às vezes olho para a minha vida para a frente e não me imagino sem filhos, portanto, acho que...não sei, sempre quis ser mãe...desde pequenina, desde que brincava com bonecas, desde que...sei lá...nunca me imaginei sem filhos. Ao contrário de muitas pessoas que pensam e projectam ter um filho para determinada altura, eu não estou a planear quando, mas sem duvida não me imagino sem eles.

Desejo de ser mãe

Não ser mãe

Vontade desde cedo

E – E acha que ao longo da vida esse desejo foi mudando ou foi-se intensificando de alguma forma?

N – Vai-se intensificando, a idade vai avançando e começa-se a ver os amigos à volta com filhos, família. Eu também tive exemplos, tive uma prima que foi mãe muito nova, com 15 anos, portanto...na altura achei que aquilo era muito novo...mas hoje em dia já tenho 26 e já começo a achar “Epa, se calhar já estava na idade de ter um filho”, mas depois olho para mim própria e começo a achar-me em certos aspectos, que sou muito criança, muito brincalhona, sou muito miúda. Por vezes acho que não me sinto preparada para...

Sociedade

Experiência anterior

Idade

Maturidade

E – A maturidade é algo importante...

N – Sem duvida alguma, a maturidade é uma questão...eu acho que um dos principais alicerces para querer ter filhos, porque a maturidade também trás mais responsabilidade e...eu as vezes já acho difícil tomar conta de mim, quanto mais tomar conta de uma criança mas...intensifica-se com a idade, intensifica-se sem duvida alguma. A maturidade é uma coisa...se bem que eu acho que acabo por não mudar a minha maneira de ser, vou sempre ser esta miúda, esta criança ...mas se calhar vou-

Responsabilidade

Idade

me sentir mais preparada, porque eu agora se surgisse...sim senhora... era bem vindo, mas se calhar não era na altura em que eu dissesse quero mesmo um filho. Acho que um filho tem de ser planeado com muita calma, não é uma coisa que se decida do pé para a mão “vamos fazer um filho”, com calma, com estabilidade, alguma estabilidade financeira. Hoje em dia é complicado ter uma estabilidade financeira como as pessoas querem...mas alguma estabilidade financeira é importante. A maturidade também tem a ver com esta estabilidade financeira, com o tempo acho que traz tudo isso.

Planeamento

Estabilidade

Condições
financeiras

E – Identifica algo que a tenha feito desejar ser mãe?

N – Não sei...sinceramente não sei explicar. O desejo vem desde pequenina, como há pouco disse. Agora identificar...não sei explicar, não consigo identificar o porquê ou uma coisa que me queira....se calhar a alegria, a alegria de ter um filho...não sei...se calhar seria por aí, pela felicidade que me trás...

Vontade desde
cedo

Felicidade

E – Talvez uma realização pessoal...

N – Sim, sem duvida, sim. Uma realização a nível pessoal muito forte...

Realização
pessoal

E – Já falamos à pouco sobre isso...mas se eventualmente não pudesse ser mãe? O que é que significaria?

N – Ser mãe também não é só ter um filho biológico. Eu se não pudesse ser mãe biologicamente iria adoptar uma criança, portanto seria mãe de outra forma. A possibilidade de não ser mãe...não a consigo encarar. Existem muitas possibilidades hoje em dia, como é óbvio, e se não pudesse ser iria a adoptar porque não me imagino sem uma criança, sem ter alguém a melgar-me (risos) ...não me imagino. Seja biológico ou não um filho terá de entrar na minha vida. Pode não ser agora, pode não ser daqui a cinco anos, mas a longo prazo é sem duvida um projecto a ter. Independentemente de estar com alguém ou não estar, ah...porque hoje em dia adoptar já é possível, não é muito viável, mas já é possível fazê-lo sendo solteiro. Era uma possibilidade, não imagino não ser mãe. Acho que ia ser muito mais infeliz, ou ia ser mesmo infeliz sem uma criança na minha vida, se não pudesse acompanhar o crescimento. Se calhar parece um pouco radical, mas pronto é uma maneira...não é só um desejo forte... é a forma como nós nos projectamos no futuro. Eu posso projectar-me a fazer mil e uma coisas, mas nessas mil e uma coisas existe uma criança na minha vida, existe sempre uma criança com quem eu vou partilhar o que vier. Lá está, como disse, é um projecto a

Adopção

Não ser mãe

Alternativas

Desejo de ser
mãe

Adopção

Projecto individual

longo prazo, não é uma coisa que eu penso para o ano que vem ou daqui a dois ou três, mas se calhar daqui a cinco ou seis, mas é uma coisa que tem de entrar na minha vida...não sei muito bem como, mas tem de fazer parte da minha vida. Também não pode demorar muito mais tempo porque não quero ter só um (risos).

Planeamento

Desejo de ser mãe

Desejo de um 2º filho

E – Tem algo mais que queira acrescentar?

N – Não...acho que está tudo dito (risos)

E – Obrigada pela sua disponibilidade.

Anexo B

Lista de Categorias

Legenda: Numero; Categoria; Entrevista; Página

1.	Aborto	A (6); B (13); C (19)
2.	Acaso	A (9); D (22); D (23)
3.	Adopção	A (8); C (18); D (24); E (28)
4.	Alegria	C (18); D (23)
5.	Amor incondicional	E (26)
6.	Apoio	B (13); B (15); C (18); C (20)
7.	Apoio Paterno	G1(4); G1(5); G2(11); G2(14)
8.	Aprendizagem	C (19)
9.	Conceitos sociais	A (5); A (6); A (7)
10.	Condições financeiras	A (5); A (7); B (14); D (22); E (26); E (28)
11.	Conformação	B (15); D (24)
12.	Continuidade da espécie	A (3); C (17)
13.	Continuidade da família	A (5); C (17); C (20); E (26)
14.	Choque	B (12); D (22); D (23)
15.	Compensação	1 (77); 1(78)
16.	Cuidar	E 26)
17.	Dar amor	A (3); C (17)
18.	Dar vida	A (4); A (7); C (22); E (26)
19.	Decepção	B (14)
20.	Dependência	A (3); D (22)
21.	Desejo de um 2º filho	A (6); B (13); B (14); E (29); G1 (1)
22.	Desejo de ser mãe	A (5); A (7); A (9); C (17); C (18); E (27); E (28); G2(12)
23.	Experiência anterior	A (6); E (26); E (27); 1 (1); 2 (7)
24.	Dependência	A (3); D (22)
25.	Educação	A (3); D (22); E (26)
26.	Esperança	B (14)
27.	Estabilidade	E (28); G4 (15)
28.	Experiência de estar grávida positiva	A (4); A (8); B (13); C (18); C (19); E (26); G1 (3); G2 (10); G2 (11)
29.	Experiência de parto doloroso	A (4)
30.	Experiência de parto positiva	C (19); D (23)
31.	Experiência do 2º filho diferente	A (5); D (23)
32.	Expectativa	B (13); B (14)
33.	Expectativa confirmada	C (18)
34.	Expectativa para o futuro	C (19)
35.	Frustração	A (7); C (18)
36.	Função da mulher	A (4); B (12); G1 (1); G1 (2)
37.	Felicidade	E (26); E (28)
38.	1º Filho mais difícil	A (4)
39.	Idade (segurança)	A (5); A (6); A (9); B (14); B (15); D (23); E (27); E (28); G1 (1); G4 (15)
40.	Informação	B (12)
41.	Instinto maternal	A (5); C (17); G1(3); G2(11); G2(13)
42.	Ligação forte	D (24)
43.	Luta	C (18)
44.	Mãe especial	C (17)
45.	Maturidade	A (9); D (22); E (27)
46.	Manutenção da relação	C (18)

47.	Momento de felicidade	D (24)
48.	Não imagina o bebé	A (5)
49.	Não ser mãe	A (7); C (18); E (27); E (28); E (28)
50.	Não pensava em ser mãe muito nova	A (6)
51.	Não era um objectivo	D (23)
52.	Objectivo principal	A (4); C (18)
53.	Obsessão	C (18); 1 (74)
54.	Preocupação com a educação	A (3)
55.	Percepção de estar grávida	A (9)
56.	Persistência	B (13); C (20)
57.	Percurso doloroso	B (14)
58.	Planeamento	E (28)
59.	Prolongamento de Si	A (4); A (7); A (8); B (12); C (17); E (26)
60.	Projecto individual	A (9); E (29); C (17); 1 (79); 1 (81); 2 (94); 3 (117)
61.	Projecto numa relação a dois	A (7); B (12); B (13); C (17); E (27)
62.	Projecto de vida	E (29)
63.	Protecção	E (26)
64.	Reconhecer como mãe	A (4)
65.	Responsabilidade	A (4); C (19); D (22); E (26); E (28)
66.	Relacionamento estável	A (5); A (9)
67.	Realização pessoal	B (12); B (13); B (15); E (28)
68.	Saúde	A (5)
69.	Sentimento de pertença	A (8); B (12); C (19); F (26)
70.	Sensação boa	A (9)
71.	Sentimento de irrealidade	C (19)
72.	Tristeza	A (7); B (15); C (18)
73.	Vontade desde cedo	A (3); C (18); E (27); E (28)

Entrevistas 1, 2 e 3 → Retiradas da Monografia de Licenciatura de Dina Tomás, “Insucesso de gravidez e Comportamento parental” (2003/2004).

Entrevista G1, G2, e G4 → Retiradas da Monografia de Licenciatura de Mariana Vasquez Moretti, “Projecto de Maternidade” (2005).

Anexo C

Memorandos

Dar vida

A mulher descreve a gravidez como uma dádiva. Tem a capacidade de se descentrar de si para dar ao outro um novo ser. Esta capacidade é tida para a mulher como única pois é a partir do seu corpo que uma nova vida é gerada, que se vai desenvolver e vir ao mundo. Funda a relação mãe-filho numa forma de dádiva.

É uma funcionalidade própria do corpo da mulher que lhe conota um sentimento de corpo funcional e que lhe confere uma identidade feminina. A gravidez é então uma função da mulher pois só a partir do corpo feminino pode ser gerado um novo ser. Ao nível do corpo, e desta capacidade de conceber uma vida, a mulher vai preencher algumas das suas necessidades egóicas. Como podemos verificar na entrevista EA, a mulher questiona esta funcionalidade “como é possível sair de dentro de nos?” e ao mesmo tempo esta é super valorizada, pois só as mulheres é que têm este dom, fazendo com que se sinta especial. Este Dar Vida, que muitas mulheres referem, desperta um sentimento de especialidade da mulher, são diferentes porque são mães, são ainda mais mulheres porque são mães. Ao serem mães irão assumir um papel importante perante a sociedade, pois todos esperam que assim seja.

Esta capacidade concede ao mesmo tempo um sentimento de pertença. Utilizam expressões como “é mesmo meu” ou “será meu para sempre” para expressar o sentimento decorrente de todas as fases da gravidez com o seu culminar no dia do parto. Ao mesmo tempo sentem a criança como um prolongamento de si. No fundo é um ser gerado, alimentado, protegido, e que se vai desenvolvendo a partir do seu corpo, o que vai ser sentido como uma “parte de si” que lhes confere continuidade.

Idade

Em todas as entrevistas efectuadas, um factor comum que está presente relativamente ao desejo de maternidade é a idade. Parece que existe um espaço temporal próprio para ter um filho. Embora não consigam precisar desde quando é que aparece este desejo, sendo que para algumas é descrito como “desde sempre”, é unânime que se intensifica com a idade. Existe uma margem em que a idade é percebida como tardia e

parece também unânime que com o avançar da idade intensifica-se o medo de não poder realizar esse desejo. Existe a percepção de que o facto de não se ser “muito nova” faz com que a funcionalidade própria do corpo da mulher possa falhar, e que possam existir consequências na saúde do bebé o que causa um sentimento de insegurança à futura mãe. Por exemplo, na EA nota-se alguma dificuldade em pensar a maternidade tardiamente pois indica que “já tinha vontade antes...intensificou-se a partir dos trinta...” mas demonstra também uma vontade anterior entre os 28 e os 30 donde, apesar de serem idades próximas, para esta mulher o medo de já não ser possível faz com que desejasse antecipar a maternidade.

A maternidade tardia pode implicar também, a impossibilidade de vir a ter um segundo ou mais filhos pois verifica-se que este desejo, quando é forte, está sempre ligado ao querer ter mais que um filho. Uma idade mais tardia pode também significar a perda de determinadas experiências interiorizadas de forma diferente quando são vividas por uma mãe mais jovem. O acompanhamento do crescimento da criança é percebido de forma diferente.

Por outro lado, uma idade mais avançada é também encarada como positiva quando relacionada com uma maior maturidade. Sentem-se mais maduras no sentido de já terem alcançado uma certa estabilidade económica, familiar e profissional que lhes confere mais responsabilidade e por consequente sentem-se mais preparadas para educar um filho. Segundo a EE apesar de sentir que “já estaria na hora” sente que ainda não está preparada pois não atingiu a estabilidade necessária que lhe vai atribuir um estatuto de maior maturidade.

Com a maturidade a mulher tem a percepção de conquista de melhores condições financeiras. Embora exista sempre o sentimento de que “se acontecer será bem-vindo” as mães preocupam-se em poder proporcionar um bom futuro à criança. Parece ser um factor mais ligado ao planeamento de ter um filho, isto é, à melhor altura para que tudo corra como esperado. Assim, por mais que seja vista como uma condição acaba por não ser impeditiva da concretização do desejo.

Experiência de estar grávida positiva.

Ao longo da vida a mulher houve falar de como é estar grávida, assiste e fantasia sobre este período. Verifica-se que todo o processo que pressupõe o estar grávida, com todas as experiências que este implica, é vivido pela mulher como algo positivo e gratificante. A mulher não só tem o desejo de ser mãe como deseja passar toda a

experiência da gravidez. É um processo fundamental que passa pela confirmação da gravidez, pelo desenvolvimento do bebé dentro si, até ao primeiro contacto no dia do parto.

Esta é a grande diferença entre ter um filho biológico ou um filho adoptado, pois todas estas experiências são valorizadas quer por mulheres que já tenham sido mães, quer por mulheres que sintam esse desejo mas ainda não o concretizaram. Este sentimento é descrito como “ter um filho meu” ou “um filho mesmo meu”.

Quando existe a interiorização deste desejo a experiência de estar grávida parece ser recordada como positiva e tende a ser descrita como “calma”, “normal” ou “sem problemas”. Como podemos perceber na ED ou na EE esta é uma experiência que deve ser desfrutada. O desejo intenso faz com que a dor física causada pelo parto possa não existir.

Vontade de ser mãe

Existe uma concepção aprendida decorrente de uma determinada sociedade do que é estar-se grávida. Deste modo, a ideia preconcebida, ainda que em permanente mutação, é a de que o estar grávida vem no seguimento de uma relação, de um casamento. Tem-se o sentimento que se é aceite socialmente, pois esta é uma fase percebida como bem aceite quase como obrigatória na vida de uma mulher. Por exemplo, ao longo da EA denota-se um juízo uniformizado do que é o conceito de família à luz de uma sociedade fazendo todo o sentido ter um filho no seguimento de um casamento, questionando retoricamente “grande parte da sociedade, grande parte das pessoas têm esse desejo não é?”. Na entrevista EB verificamos também esta perspectiva uniformizada sendo este o “desejo de qualquer mulher”. Assim, para muitas mulheres este é um desejo que vem no seguimento de um projecto de relação a dois. Quando é atingida uma certa estabilidade no casal quer a nível profissional, económico ou relacional, parece que começa a existir um vazio que tem de ser preenchido de alguma forma. Para a maioria dos casais ao entrar numa rotina diária acaba por ser necessário algo de novo, sendo que um filho é sempre pensado como uma experiência positiva que irá trazer alegria ao casal e traçar-lhes um objectivo comum.

De entre os vários factores que contribuem para este desejo destaca-se a educação. A educação é referida como uma das bases do desejo. Como em qualquer relação que se vai tendo ao longo da vida as experiências que são obtidas na infância formam um modelo parental com o qual nos vamos relacionar. Na entrevista E1 a mãe associa o seu desejo de maternidade ao facto de ter sido filha única e por isso sentir-se muito triste e sozinha. Para além do desejo de ser mãe, revela o desejo de ter um segundo filho.

Embora nem todas as mulheres identifiquem algo que as prepare para o seu papel de mães, na EE verificamos que a experiência positiva que teve com a sua família e com os seus pais faz com que sinta este desejo. Na EA pode ser atribuído a uma educação católica onde o perpetuar a espécie e dar continuidade à família é o objectivo primordial do casamento, ou como podemos verificar na entrevista EC ou EE em que as experiências de vida decorreram sempre no convívio com várias crianças, ou porque os outros membros da família, como irmãos, tios, primas, etc., também seguiram as suas vidas no sentido deste projecto. Por outro lado, como nos descreve a EC quando não existem mais crianças na família, o ter um filho passa a ser primordial para dar continuidade à família.

No entanto, e embora estes factores tenham sido referidos por todas as mulheres entrevistadas, o desejo de ser mãe parece sobrepor-se a qualquer um destes factores. Parece estar acima do casamento e da relação sendo uma realização pessoal. O importante é realmente a experiência de ser mãe de tal forma forte, que é traduzida em sentimentos como “inversão de papéis”, “o desejo é mais forte do que casar e ter filhos ou ter uma casa”, “independentemente de estar numa relação ou não estar”, ou “se eu não casasse gostaria de ser mãe na mesma”. Como nos diz a EE, sendo uma realização pessoal, este é um projecto de vida pois ao projectar-se no futuro não o concebe sem uma criança que partilhe e viva as experiências que irá ter. Tem a percepção que só assim conseguirá alcançar a felicidade. Ao longo das entrevistas este parece ser um desejo tão pessoal que entende-se como sendo um projecto individual. O apoio paterno é importante para as mães no acompanhamento da gravidez. Sentem-no como um auxílio mas sempre com a ideia presente que elas são as principais representantes e as mais sacrificadas, pois terão por exemplo mais impacto a nível físico. A descrição da participação paterna aparece assim como um auxiliar e não tanto como um participante activo.

A vontade de ser mãe, embora conotada de vários factores é um desejo que se manifesta na mulher desde cedo, pois identifica-o desde criança, intensifica-se com a idade e é anterior a qualquer projecto, isto é, não existe a concepção de realização pessoal sem a integração de uma criança na vida destas mulheres.

Não ser mãe

Quando confrontadas com uma possível impossibilidade de virem a ser mães, esta situação é descrita como inconcebível. A mulher não se imagina sem um filho, sem crianças.

Esta concepção de insucesso é expressada por frases como “não me imagino não ser mãe” ou “um filho terá de entrar na minha vida seja de que forma for”.

Perante a efectiva realidade de experiências de aborto a forma de ultrapassar o insucesso é primeiramente combatida com o recurso a técnicas alternativas como a fertilização in vitro. Quando o insucesso é contínuo a persistência é evidente o que faz com que prolonguem este processo por dez ou mais anos sempre na expectativa que da próxima tentativa irão ter sucesso (EB e EC). O objectivo torna-se principal na vida destas mulheres, não pensando em mais nada e tornando-se quase uma obsessão.

A desistência é encarada com muita tristeza e frustração o que as faz tentar consecutivamente.

Por outro lado, seja quando existem experiências de insucesso, ou somente quando confrontadas com esta possibilidade, a adopção é sempre referida como uma alternativa na concretização deste desejo. Ainda que façam referencia à diferença que possa existir entre um filho biológico e um filho adoptado, derivado das experiências que são percebidas como não vividas, esta é a forma que encontram para poder desempenhar o papel de mães. É uma ideia que persiste em todas as mulheres entrevistadas e que é descrita como tendo dois sentidos: o de ajudar uma outra criança e o de concretizar o seu desejo.

Responsabilidade

É um sentimento comum a todas as mães. Quando questionadas sobre o que é ser mães o mais intuitivo é conferirem-lhe uma grande responsabilidade. No fundo trata-se da vida de um outro ser que elas esperam poder educar da melhor forma e para o qual têm expectativas de futuro elevadas.

Sentem que já não estão sozinhas, que não podem contar somente consigo e que existe um novo ser que depende delas, no início para tudo, mais tarde este sentimento passa a ser percebido como preocupação.

Ao receber a noticia de que está grávida e posteriormente interiorizar esta nova realidade, todas as esferas da sua vida enquanto profissional, filha, esposa/companheira e mulher, vão ser reavaliadas de forma a serem reestruturadas adaptando-se ao novo papel de mãe. Perante a sociedade e a família vão ser esperadas determinadas atitudes, sacrifícios e decisões que contribuem também para este sentimento de responsabilidade acrescida.

Instinto maternal /Desejo interior

O desejo ou o que as faz desejar ser mãe é algo difícil de explicar. Quando questionadas tendem a responder que é algo interior, um desejo forte que muitas vezes descrevem como um instinto maternal. Este instinto é impulsionador do desejo e de certa forma marca-o a nível temporal, porque é a partir deste momento que sente o apelo da maternidade.

Nesta medida esta designação pode conferir a mulher uma certa segurança pois de alguma forma, que não sabem explicar, elas sentem que vão estar preparadas para a todas as fases do processo gravídico e para a futura relação mãe-bebé. Esta parece ser uma crença adquirida socialmente, sendo um discurso comum que as faz sentir menos ansiosas quando confrontadas com as suas verdadeiras capacidades, para o bom desempenho deste novo papel.

Compensação

Como algo que vem compensar outros vazios que a mulher sente. Que vai preencher alguma lacuna do passado enquanto criança. Por exemplo, em várias entrevistas é referido o gosto por crianças. Este sentimento está associado quando existem outros parentes, sejam irmãs, primas, etc. que com idades próximas já tiveram filhos e que transmitem um sentimento de “obrigação” perante a família, ou pelo contrário quando não se têm referências de continuação da família relativamente a outros parentes e o desejo torna-se forte pois a mulher sente que será a “ultima hipótese”.

Podem também ter existido experiências menos agradáveis na infância e ao serem mães vão de alguma forma ultrapassar essas falhas, ou por outro lado existe uma infância feliz e sente a necessidade de dar continuidade à sua educação e seguir os passos da mãe.

Este desejo de maternidade poderá ser o vingar de uma fase da vida com sucesso, quando outras esferas como o desenvolvimento profissional ou familiar não foram bem sucedidas.

Experiências anteriores

Ao longo da vida, conforme as experiências que vão interiorizando, vão criando conceitos, referencias sobre o que é a maternidade. Começa pela própria educação e a

forma como esta foi sentida. A forma como são tratadas na infância, o carinho e amor que lhes é concedido faz com que desejem dar continuidade a essa realidade. O contacto com outras crianças, com outras mulheres grávidas e o partilhar dessas experiências criam de igual forma expectativas do que é ser mãe e de como é estar grávida.

Projecto individual

Existem vários factores que são identificados como impulsionadores do desejo ou mesmo intensificadores. O desejo parece existir mais a nível pessoal e inserido num projecto individual. O apoio paterno é descrito como importante principalmente a nível funcional, isto é, em relação ao apoio a tarefas domésticas ou alguma ajuda a nível físico e monetário. Sobressai, no entanto o desejo superior de ser mãe mesmo sem a existência de uma relação estável com um companheiro. Mesmo a possibilidade, quando existem experiências de insucesso, de vir a adoptar é posta numa capacidade individual.

Anexo D

Hipóteses explicativas

1 – Existe um conceito uniformizado do que é ser mulher perante uma determinada sociedade e qual é a sua função perante esta. Funcionalidade da mulher, enquanto um corpo capaz de gerar uma nova vida

2 – O desejo é percebido como comum no decorrer de uma relação, isto é, num projecto a dois

3 – As experiências anteriores, principalmente as decorrentes de referências familiares e educacionais aprendidas ao longo do desenvolvimento contribuem para a formação do desejo. A forma como são tratadas pelos próprios pais é algo que influencia o desejo.

4 – Existe a vontade de dar continuidade à espécie e à família.

5 – O facto das mulheres terem a capacidade de “dar vida” faz com que se sintam únicas. Este facto contribui para um acentuar da identidade feminina e para uma maior auto-estima.

6 – O instinto maternal, ou o desejo interior, como referem, de alguma forma faz com que se sintam preparadas para todos os desafios decorrentes da gravidez.

7 – O desejo intensifica-se com o avançar da idade. Existe o medo de não conseguir vir a engravidar.

8 – Em consonância com o ponto sete, existe nestas mulheres a vontade de ter mais que um filho. Este facto faz com que queiram antecipar a maternidade.

9 – A experiência de estar grávida é sentida como positiva, o que as vai preparar para todas as situações durante a gravidez, o parto e os cuidados primários do bebé. A gravidez confirma ainda a correcta função do seu corpo, o que as faz perceber a gravidez como uma fase importante e gratificante.

10 – Este é um objectivo de vida/ realização pessoal para estas mulheres. Não conseguem equacionar a hipótese de não virem a ser mães.

11 – Este desejo está para além de um projecto numa relação a dois, ou mesmo de um filho biológico. O que desejam realmente é serem mães. Desta forma, parece ser um desejo muito mais a nível individual.

12 – Este desejo parece, por isso, algo mais a nível narcísico tendo por base um sentimento forte de pertença e de prolongamento de si. Pertença pois um filho é algo que será delas

para sempre. Prolongamento de si, pois ao sair de dentro delas é considerado como uma parte destas mulheres. Vão depositar todas as suas esperanças, sonhos e projectos.

Anexo E

Instrumento

A Grounded Theory é um método de investigação utilizado para gerar teorias que se debruça sobre interações sociais e dá conta destas de uma forma dinâmica. Através de um metodologia de tipo qualitativo, o objectivo é formular uma hipótese com base nos dados obtidos através de raciocínio indutivo, ou seja a partir de material particular partimos para uma formulação geral. O investigador não tem à partida uma hipótese definida mas antes uma área de investigação, quer isto dizer que se proporciona num contexto de descoberta. O processo através do qual o investigador decide quais os dados a recolher e onde, é designado por amostragem teórica, num primeiro momento o investigador recolhe os dados de acordo com a temática que quer estudar e à medida que codifica e analisa consecutivamente os dados, decide quais os próximos a recolher, trata-se de um processo controlado, que depende da teoria emergente. O critério utilizado para decidir quando parar de estudar novos grupos é a saturação teórica de uma determinada categoria, ou seja, quando não são encontrados mais dados que proporcionem mais propriedades. As categorias são elementos conceptuais da teoria, e os elementos ou atributos que lhe estão atribuídos são as suas propriedades. Estes elementos da teoria são provenientes dos dados considerados relevantes para a análise, os incidentes. A comparação entre semelhanças e diferenças dos dados, permite não só conceptualizar categorias e suas propriedades, como também criar hipóteses de relação entre estes elementos.

A análise sistemática dos dados é, assim, feita por comparação constante. Esta comparação sistemática vai no sentido de encontrar as semelhanças e diferenças entre grupos, e utilizado para a descoberta da teoria substancial e da teoria formal. A teoria substancial é aquela constituída dentro de uma área específica, enquanto que a teoria formal consiste numa teoria com maior grau de generalização e abstracção, sendo passível de se aplicar a diferentes áreas.

O método da comparação constante passa essencialmente por quatro etapas. A primeira etapa consiste em comparar incidentes aplicáveis a cada teoria, ou seja, baseia-se num processo de reflexão sobre os incidentes que vão surgindo no decorrer da leitura. O investigador vai codificando cada incidente na categoria a que pertence na margem do texto, trata-se da codificação aberta. Enquanto codificamos um incidente numa categoria devemos compará-lo com os outros incidentes da mesma categoria, isso permite-nos criar as categorias e formular hipóteses de relações entre estes, trata-se da codificação teórica. Após três ou quatro codificações deve-se parar e escrever um memorando, isto é uma reflexão/ teorização que vai surgindo no decorrer da análise dos dados.

Numa segunda etapa, integram-se as categorias e as suas propriedades, relação entre as variáveis ou o peso que estas têm. Ao longo desta etapa os conhecimentos vão se unificando.

Na terceira etapa delimita-se a teoria. Enfatizam-se as categorias mais importantes, ou seja, o analista limita-se a codificar aspectos que pertencem à categoria principal. Define-se, assim, a categoria central, considerada principal para a explicação do processo social básico (fenómeno central em estudo).

Por último, encontra-se a etapa em que se escreve a teoria. É necessário juntar todos os memorandos relativos a cada categoria para os analisar e sintetizar, a categoria central tem maior destaque e só as categorias que se relacionam com esta serão tidas em conta.

Desta forma, a teoria tem de ser funcional, isto é, deve ser capaz de explicar o comportamento em estudo, o que aconteceu, predizer o que vai acontecer e interpretar o que está a acontecer. Para tal é necessário obedecer a critérios de ajustamento e relevância, ou seja, uma relação adequada entre os conceitos e o que é observado e saber se a teoria lida com aquilo que são os aspectos importantes nos participantes ou apenas com os aspectos irrelevantes da sua vida.

Em todo o processo de construção da teoria, o investigador é um receptor activo de impressões, procurando chegar às suas hipóteses e constante verificação. Exige, portanto, por parte do investigador alguma sensibilidade teórica, que consiste numa qualidade pessoal subjectiva de dar significado aos dados, compreende-los e saber seleccionar os mais pertinentes para o estudo.